



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**COMO A MÍDIA CONSTRÓI A GUERRA: UMA ANÁLISE DO
PRIMEIRO MÊS DE COBERTURA DO JORNAL NACIONAL
SOBRE A INVASÃO RUSSA À UCRÂNIA**

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**COMO A MÍDIA CONSTRÓI A GUERRA: UMA ANÁLISE DO
PRIMEIRO MÊS DE COBERTURA DO JORNAL NACIONAL
SOBRE A INVASÃO RUSSA À UCRÂNIA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

MARIA GABRIELA VELOSO CAMELO

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

C181c Camelo, Maria Gabriela Veloso
COMO A MÍDIA CONSTRÓI A GUERRA: UMA ANÁLISE DO
PRIMEIRO MÊS DE COBERTURA DO JORNAL NACIONAL SOBRE A
INVASÃO RUSSA À UCRÂNIA / Maria Gabriela Veloso
Camelo. -- Rio de Janeiro, 2024.
65 f.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa.
Coorientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2024.

1. jornalismo de guerra. 2. conflito Rússia e
Ucrânia. 3. narrativa. 4. opinião pública. I. Costa,
Cristiane Henriques, orient. II. Ribeiro, Ana Paula
Goulart, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO


TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho: **Como a mídia constrói a Guerra: uma análise do primeiro mês de cobertura do Jornal Nacional sobre a invasão russa à Ucrânia**, elaborado por **Maria Gabriela Veloso Camelo**.

Aprovado por

Cristiane Costa

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa (orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **ANA PAULA GOULART RIBEIRO**
Data: 09/01/2025 11:42:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro (coorientadora)

Fernando Ewerton Fernandez Junior

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

Marialva Carlos Barbosa

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Grau:

Rio de Janeiro, no dia 13/12/2024

Rio de Janeiro

2024

Dedico este trabalho à minha querida amiga ucraniana, Mariana Petryk, que me tocou com a sua trajetória e me inspirou a aprender mais sobre seu país e seu povo.

AGRADECIMENTOS

O sonho de me graduar em Jornalismo partiu de mim, aos meus poucos seis anos de vida, logo quando aprendi a escrever, mas foi acolhido por muitas pessoas ao meu redor. Sonhar em ser jornalista foi grande parte da minha personalidade durante muitos anos e era impossível me conhecer sem que eu falasse o quanto eu queria cursar Jornalismo na UFRJ. E mesmo hoje, quando a vida me levou para outros caminhos, a minha criança interior tem muitas pessoas a agradecer por terem sonhado junto comigo.

Agradeço primeiro aos meus pais, Andréa Veloso e José Marcelo Camelo, pelo apoio incondicional, inclusive nas ideias mais malucas como cursar Jornalismo e Relações Internacionais ao mesmo tempo. Agradeço por sempre comprarem o jornal na banca aos domingos e me deixarem fingir que eu estava lendo as notícias, mesmo quando eu nem sabia ler. Agradeço por comprarem todos os livros que eu pedi e sempre estimularem a minha curiosidade e meu senso crítico.

Agradeço ao meu avô, Sebastião (*in memoriam*), por estar sempre com seu radinho escutando aos jogos do Botafogo, com a TV ligada, vendo os lançamentos de música na MTV para falar comigo sobre e por sempre pedir para a Alexa "tocar JB FM" para escutarmos as músicas e notícias, mesmo em seus últimos dias. Obrigada por sempre tentar resolver tudo na conversa e me ensinar a continuar fazendo isso, ainda nos meus momentos mais introspectivos. Tenho certeza que parte da minha paixão pela comunicação como um todo veio dele.

Agradeço às minhas avós, Maria Odete e Maria do Socorro, que não me deixam ficar por fora de nenhum assunto, porque assistem aos telejornais todos os dias e sempre me perguntam sobre alguma coisa que está acontecendo. E minha resposta nunca pode ser "não sei"... Se sou jornalista, como não vou saber, não é mesmo?

Agradeço ao Ricardo, por ser tanto meu maior fã, quanto meu crítico mais construtivo, ensinando-me todos os dias o significado de crescimento e amor compartilhado. Agradeço também a Heidi, que além de compartilhar comigo o apreço por nossa *alma mater*, me incentivou constantemente para que eu concluísse e aproveitasse ao máximo minha graduação em comunicação.

Ao meu amado "Gabinete", deixo aqui meu muito obrigada. Obrigada Anna Beatriz, Eduarda, Felipe, Luana e Lucas por terem sido meu refúgio nestes anos de graduação. Nada disso teria tido graça sem vocês. Agradeço também a Isadora, que dividiu comigo esses

momentos de angústia e conquistas.

Agradeço aos meus amigos de escola e de vida, que escutaram minhas inúmeras reclamações e fizeram de tudo para prevenir meu *burnout*. A Ana Julia, Beatriz, Carolina, Clarice, Giovana, Guilherme, Ismael, Lauris, Maria Eduarda e Pietra por todo o apoio e os alívios cômicos durante esse período intenso.

Agradeço também ao meu querido amigo e grande especialista em Rússia e países da ex-União Soviética, Pedro, por todos os livros, sites e notícias emprestados e enviados e pela revisão sobre o conteúdo histórico, garantindo que eu não falasse asneiras.

Minha sincera mensagem de agradecimento a todos os amigos e parentes que, com amor e paciência, entenderam meus momentos de ausência e me receberam de volta com abraços e sorrisos após longas horas de estudo.

Além de agradecer à equipe da Escola de Comunicação da UFRJ como um todo, deixo meu agradecimento aos professores que me acompanharam ao longo do curso e que, com empenho, se dedicam à arte de ensinar. Agradeço sobretudo a minha incansável orientadora e fonte de inspiração, Cris Costa. Obrigada por me fazer lembrar em todos os nossos encontros o porquê a Gabi de seis anos tinha escolhido cursar Jornalismo. Agradeço também a minha coorientadora, Ana Paula Goulart Ribeiro, que foi essencial para que eu aperfeiçoasse meu trabalho.

A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça. (Rui Barbosa)

CAMELO, Maria Gabriela Veloso. Como a mídia constrói a guerra: uma análise do primeiro mês de cobertura do Jornal Nacional sobre a invasão russa à Ucrânia.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Coorientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro:
ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

Este trabalho analisa como o Jornal Nacional, da Rede Globo, construiu uma narrativa sobre a invasão russa à Ucrânia, durante o primeiro mês de cobertura do conflito em 2022. O estudo explora o papel do telejornal na criação de representações sobre a guerra, examinando como a sua narrativa influenciou a percepção pública brasileira. A pesquisa utiliza uma metodologia inspirada na análise de conteúdo, com foco na escolha de elementos noticiosos e na construção de imagens dos líderes envolvidos. Os resultados indicam uma abordagem centrada no Ocidente, mediada pela visão dos Estados Unidos, destacando o impacto editorial sobre a formação de opinião. Conclui-se que a cobertura reforçou visões geopolíticas específicas, moldando a recepção do conflito no Brasil.

Palavras-chave: jornalismo de guerra; conflito Rússia e Ucrânia; narrativa; opinião pública.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Jornalismo Internacional e Cobertura de Guerra	5
3. Contextualização do conflito	14
4. Análise da Cobertura do Jornal Nacional	25
4.1. Análise do conteúdo da cobertura	27
4.2. Construção de Zelensky como herói mundial	37
5. Considerações finais	44
6. Referências bibliográficas	48

1. Introdução

O conflito entre Rússia e Ucrânia representa um marco geopolítico com repercussões globais. Este trabalho de conclusão de curso visa investigar como a TV Globo realizou a cobertura do conflito entre Rússia e Ucrânia durante fevereiro e março de 2022, os primeiros 30 dias desde que o conflito foi deflagrado. A análise terá enfoque na cobertura feita no principal programa de notícia da rede aberta, que tem alcance nacional, mais especificamente o Jornal Nacional (JN). O JN foi escolhido exatamente pelo alcance e por registrar maior audiência em comparação com os outros telejornais. O objeto de pesquisa deste trabalho são as narrativas midiáticas sobre a Guerra da Ucrânia construídas pela cobertura do conflito feita pelo JN.

A cobertura jornalística brasileira de guerras e conflitos internacionais possui uma longa trajetória, marcada por narrativas e vieses que se transformam ao longo do tempo. O tema da violência, principalmente a cobertura de guerras, é recorrente no jornalismo internacional brasileiro desde seus primórdios. A cobertura da Primeira Guerra Mundial pela imprensa brasileira, por exemplo, demonstra como os jornais se engajaram na construção de narrativas patrióticas e na demonização do inimigo, influenciando a opinião pública e reforçando a participação do Brasil no conflito. A escassez de estudos acadêmicos sobre a relação entre jornalismo e guerra no Brasil destaca a importância de contextualizar historicamente a cobertura do Jornal Nacional sobre a Guerra na Ucrânia.

Atualmente, o Jornal Nacional é o telejornal brasileiro com a maior audiência, exibido diariamente no horário nobre e alcançando mais de 30 milhões de espectadores (Araújo *et al.*, 2020). O JN é o principal telejornal da Rede Globo e desempenha um papel central na formação da opinião pública brasileira desde seu lançamento, em 1969. Sua influência na percepção dos brasileiros sobre acontecimentos internacionais é relevante, uma vez que o JN não apenas cobre eventos, mas também molda a forma como eles são interpretados pelos telespectadores. Com base na teoria do *agenda setting*, que explica como a mídia seleciona e agenda temas a serem debatidos pelo público, o presente estudo examina o processo de seleção de notícias do Jornal Nacional durante o primeiro mês da invasão russa à Ucrânia.

Além de ocupar uma posição de destaque, o discurso telejornalístico emprega certos recursos para preservar sua credibilidade e, em certa medida, sustentar o poder dominante ao moldar a realidade conforme seus próprios interesses. O JN ainda é uma das fontes de informação de maior confiança para muitos brasileiros. Este noticiário tem sido capaz de ditar a agenda e influenciar o debate público até certo ponto. Lógico que com o desenvolvimento

da internet e o surgimento de outras fontes, o quadro da *agenda setting* se tornou muito mais complexo, mas o Jornal Nacional ainda tem um papel importante, sobretudo em razão da liderança exercida pela Globo, durante décadas, no mercado de mídia, especialmente antes da internet se popularizar no país.

Ao selecionar, organizar e contextualizar as notícias, o JN contribui para moldar a percepção pública dos eventos internacionais e locais. Em casos como as coberturas da Guerra do Golfo nos anos 1990 ou a invasão do Iraque em 2003, por exemplo, o JN não apenas informava, mas também influenciava como esses eventos eram percebidos.

A cobertura da Guerra na Ucrânia não se dá em um vácuo geopolítico, mas sim em um contexto global marcado por intensa polarização ideológica, ascensão de líderes autoritários e o papel cada vez mais central das redes sociais na disseminação de informação e desinformação. Nesse cenário, a forma como a guerra é retratada, tanto no Brasil como internacionalmente, é fortemente influenciada pelos interesses geopolíticos em jogo. Analisar como esses fatores moldam a cobertura do JN, identificando os vieses, as omissões e as estratégias narrativas utilizadas para reforçar determinadas perspectivas, é essencial para compreender o papel da mídia na construção da opinião pública sobre a guerra.

A cobertura de guerras pela mídia levanta uma série de questões éticas e pode apresentar viés, influenciando a interpretação pública dos eventos. Um dos principais dilemas éticos é a tensão entre a necessidade de informar e a responsabilidade de evitar a desinformação ou a propagação de narrativas enviesadas. A imprensa é capaz, intencionalmente ou não, de favorecer uma perspectiva sobre outra, o que pode resultar em uma representação distorcida dos conflitos. Por exemplo, a cobertura consegue demonizar um dos lados ou simplificar a complexidade de um conflito, o que pode levar a um entendimento superficial ou equivocado por parte do público. Esses desafios éticos são cada vez mais relevantes no atual ambiente de comunicação, onde a proliferação de informações não verificadas corre o risco de comprometer a compreensão pública de eventos críticos.

Quanto à seleção do assunto, ele foi escolhido devido à sua pertinência e urgência no contexto atual. Pessoalmente, meu interesse por este tema surgiu da observação de como a mídia tem um papel crucial na construção de narrativas. A cobertura de conflitos internacionais pela mídia brasileira, em particular, suscita questões sobre viés editorial, *agenda setting* e a construção de narrativas midiáticas que merecem uma investigação aprofundada para além deste trabalho. A guerra na Ucrânia teve uma ampla cobertura midiática global, e é crucial entender como isso foi retratado em diferentes contextos nacionais, incluindo o Brasil.

A invasão russa à Ucrânia tem como marco inicial os ataques do dia 24 de fevereiro de 2022, apesar das dinâmicas relativas a esse conflito serem históricas. A invasão que se tornou de fato uma guerra tomou as manchetes dos noticiários por todo o mundo. O conflito entre russos e ucranianos é muito mais do que uma disputa bélica e territorial, trata-se também de uma guerra de informações e narrativas. A forma como os eventos são narrados possui a capacidade de criar uma nova realidade; assim, quem detém o controle dessa narrativa também controla a percepção da realidade.

A análise do conflito bélico em si exige uma compreensão profunda dos eventos históricos que moldaram essa relação. A Ucrânia, que foi parte da União Soviética até 1991, carrega um passado rico, incluindo o desastre nuclear de Chernobyl, e uma herança cultural significativa, com Kiev como seu centro histórico. Desde o século IX, as identidades ucraniana e russa estiveram entrelaçadas, mas também marcadas por períodos de tensão e rivalidade. O nacionalismo ucraniano emergiu no século XV, quando o povo começou a se diferenciar dos outros eslavos orientais. A divisão entre as identidades nacionais se intensificou ao longo dos séculos, especialmente sob o domínio soviético (Segrillo, 2015).

Com a independência em 1991, a Ucrânia começou a afirmar sua soberania, embora enfrentasse desafios significativos devido à influência russa. A Revolução Laranja, de 2004, e a Revolução da Dignidade, de 2014, foram momentos cruciais que expressaram o desejo da população por maior integração com a Europa e a rejeição da influência russa. A queda do presidente Yanukovich, em 2014, e a subsequente anexação da Crimeia pela Rússia marcaram um ponto de não retorno nas relações entre os dois países, intensificando a hostilidade e levando a um conflito armado no leste da Ucrânia. Desde então, as tensões geopolíticas se agravam (Amal, 2017; Costa, 2022; Sussman; Krader, 2008). A compreensão dessas dinâmicas históricas é essencial para a análise do atual conflito.

O trabalho busca apresentar como foi explicada a guerra da Ucrânia para o público brasileiro. Ao examinar as estratégias e abordagens da emissora, a pesquisa busca não apenas entender a construção das narrativas, mas também contribuir para um jornalismo internacional mais consciente e equilibrado.

A metodologia deste trabalho consiste em um estudo de caso que analisa a cobertura do conflito entre Rússia e Ucrânia pelo Jornal Nacional da TV Globo, abrangendo o período de 24 de fevereiro a 26 de março de 2022. A escolha de analisar o período de 30 dias a partir do início dos ataques russos permite capturar como o JN abordou a fase inicial, geralmente marcada na mídia como um todo por um volume elevado de reportagens, análises e atualizações contínuas, quando o interesse do público estava no auge. Esse momento é crucial

para avaliar o processo de construção das narrativas midiáticas e o impacto inicial na opinião pública, uma vez que as primeiras impressões tendem a influenciar significativamente a percepção do público sobre o conflito.

Para isso, foram assistidas todas as edições do telejornal durante esse intervalo, permitindo uma análise detalhada das narrativas apresentadas. Cada edição foi acompanhada de anotações autorais sobre os principais pontos que geraram inquietação, possibilitando uma avaliação crítica das reportagens. Além disso, foi realizada uma revisão da literatura sobre estudos que abordam a cobertura midiática do conflito, incluindo a adaptação de um gráfico que ilustra a quantidade de reportagens sobre o tema, o que fornece uma base quantitativa para a análise.

Complementarmente, foi realizada uma pesquisa extensa sobre o contexto histórico do conflito e sobre as práticas do jornalismo internacional e de guerra. Essa investigação não apenas fundamentou a análise das narrativas construídas pelo Jornal Nacional, mas também permitiu identificar possíveis vieses editoriais e estratégias de *agenda setting*. A combinação dessas abordagens qualitativas e quantitativas proporciona uma compreensão abrangente da cobertura midiática e suas implicações, contribuindo para um entendimento crítico do papel da mídia na formação da opinião pública em relação a eventos internacionais.

É recomendada a realização de mais pesquisas sobre o tema, especialmente focadas em guerras recentes, como a que será trabalhada nesta monografia, e nas novas tecnologias que podem trazer mudanças para a prática do Jornalismo de Guerra e para o Jornalismo Internacional como um todo.

2. Jornalismo Internacional e Cobertura de Guerra

Para chegar até a cobertura internacional realizada pelo Jornal Nacional nos dias de hoje é preciso dar alguns passos para trás e entender um pouco do jornalismo internacional no Brasil como um todo. De acordo com Antonio Brasil (2012), o Jornalismo Internacional é uma das possíveis especializações da profissão jornalística, que se pauta na cobertura de eventos internacionais, os quais têm alguma relevância para o país sede do jornal. Essa noção de sede é importante dado que o jornalismo que se entende por internacional varia de acordo com o local de emissão. Como o autor afirma, “o que é assunto ‘doméstico’ num determinado país será ‘internacional’ em todos os demais” (Brasil, 2012). Tal relatividade permite que a editoria de jornalismo internacional cubra uma série de temáticas variadas, abrangendo acontecimentos de cunho social, cultural, econômico, político, ambiental e entre outros.

Alguns eventos que são importantes para o jornalismo internacional e de guerra precisam ser mencionados antes de seguirmos com a cronologia no jornalismo internacional brasileiro. Esse é o caso da Guerra da Crimeia (1853-1856), considerada a primeira vez em que a cobertura fotográfica foi usada na imprensa para cobertura de guerra. Ela marca o início da reportagem de guerra como uma especialidade também no fotojornalismo/na fotografia (Neto, 2011). Segundo Ferreira (2005), o uso da fotografia como instrumento na cobertura da Guerra da Crimeia aconteceu em um contexto no qual a fotografia passou a competir com o texto pelo protagonismo nas notícias, cada qual buscando convencer a opinião pública.

A Guerra de Secessão americana (1861-1865) também aparece como um importante marco para a especialização do jornalismo internacional. Esse conflito criou uma demanda significativa por notícias, não apenas nos Estados Unidos. Foram enviados cerca de 500 jornalistas para cobrir o evento (Schelp, 2016). A invenção do trem e dos cabos telegráficos, em meados do século XIX, acelerou a disseminação de informações e reduziu distâncias. De acordo com Natali (2007, p. 30), "o impacto da rapidez na transmissão de dados e na distribuição de jornais e revistas foi significativamente maior do que o proporcionado pela computação e pela internet no final do século XX".

Outro drama humano importante para a cobertura jornalística internacional foi o Titanic em 1912. O naufrágio foi destaque nas manchetes dos principais jornais ao redor do mundo. Nos dias iniciais após o desastre, muitas publicações em diversos idiomas divulgaram informações imprecisas ou incorretas, com algumas afirmando até que não houve vítimas.

Somente com o tempo, a real magnitude da tragédia foi revelada. Este evento é hoje considerado um marco no jornalismo, influenciando o padrão de cobertura de grandes

catástrofes a partir de então (O Globo, 2023). O naufrágio do Titanic foi a primeira grande cobertura internacional que usou telégrafos sem fio, ainda em sua fase inicial. Quando o Titanic colidiu com o iceberg, a tripulação enviou sinais de socorro em código Morse, utilizando a sigla "CQD" seguida do sinal universal "SOS". Essas mensagens foram recebidas por outros navios, que se dirigiram ao local, e por estações de rádio na Europa. Agências de notícias captaram os sinais e começaram a transmitir informações via telégrafo para jornais ao redor do mundo, antes que os dados fossem devidamente verificados, o que resultou em algumas informações confusas ou incorretas.

Os erros de apuração e a esperança inicial foram desfeitos quando a verdadeira extensão do desastre do Titanic chegou a ambos os lados do Atlântico, dando início a uma nova fase de cobertura: reportagens que apontavam falhas e buscavam responsáveis. Até então, o jornalismo funcionava em um mundo interconectado de forma rudimentar, com notícias circulando de maneira menos linear. Segundo especialistas, a cobertura do Titanic estabeleceu um ciclo que se repete em grandes eventos caóticos: inicialmente, há uma corrida por informações, muitas vezes incompletas ou imprecisas, seguida pela busca por histórias pessoais que humanizam e dramatizam o ocorrido.

Até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), temos o período que ficou conhecido como a "Idade de Ouro" da cobertura de guerra (Camargo, 2021). Para Knightley (1978), há três motivos principais para isso ter acontecido: o surgimento da imprensa popular, o crescente uso do telégrafo e a introdução tardia da censura organizada.

Pedro Aguiar (2008) divide a história do jornalismo internacional brasileiro em cinco grandes momentos. Ciclos temporais esses que são heterogêneos, marcados por rupturas e que não correspondem diretamente à história da imprensa brasileira como um todo, dadas as diferenças significativas nas rotinas produtivas, nos interesses e nos valores desse fazer jornalístico. Tendo o primeiro ciclo começado com o surgimento da imprensa no país e se estendido até a década de 1870, período marcado por grandes eventos, como o início das repúblicas, a Guerra do Paraguai e a Guerra Franco-Prussiana, que impulsionaram o jornalismo internacional.

Antes da Guerra do Paraguai, ou seja, do início da imprensa nacional até mais ou menos 1864, muitas províncias brasileiras já mantinham uma "troca de jornais", que na verdade era o envio das suas publicações para províncias vizinhas. Ainda que existissem jornais de maior abrangência, a maioria dos veículos tinha um alcance muito limitado, então a propagação das notícias de guerra só era possível graças a esse embrião de rede de comunicação formada pelos jornais da época, no qual eles promoviam uma circularidade nas

informações, por meio dessas "trocas".

Na segunda parte do século XIX, o jornalismo internacional brasileiro tem dois marcos basilares: o envio do primeiro correspondente brasileiro para o exterior, José Carlos Rodrigues, pelo periódico *Jornal do Comércio*, em 1868, e a publicação da primeira notícia internacional ao mesmo tempo que os europeus, também pelo *Jornal do Comércio*, em 1891. Essa publicação concomitante só foi possível graças à instalação de cabos submarinos de telégrafo, que aconteceu em 1874, inaugurando de fato uma nova era para as notícias internacionais no Brasil (Castro, 2006).

Para compreender o desenvolvimento da editoria internacional brasileira, é importante olharmos para a atuação da imprensa nacional na primeira Grande Guerra. Em um primeiro momento, tanto a imprensa, como o Governo brasileiro trataram o conflito com certa neutralidade. Garambone (2003), sublinha que “uma certa tradição pacifista nacional era evocada a todo momento para justificar a neutralidade brasileira” (Garambone, 2003, p. 33).

A Grande Guerra impactou economicamente a nossa imprensa. O preço dos insumos gráficos praticamente dobrou, mas curiosamente o Brasil passou a ter um dos melhores complexos de impressão de jornais na América Latina (Santos, 2016).

Voltando à questão da neutralidade nos primeiros momentos do conflito, isso não durou muito. Santos (2016) relata que a imprensa tornou-se um espaço de debate sobre a manutenção da neutralidade do país. Na capital, Rio de Janeiro, revistas ilustradas como *Revista da Semana*, *Careta*, *Fon-Fon*, entre outras, e jornais como o *Jornal do Brasil* (que ocasionalmente apresentava opiniões pró-alemãs), o *Correio da Manhã* (opositor ao governo) e o *Jornal do Commercio*. Este último, de orientação conservadora, frequentemente expressava admiração pelo Império Alemão antes do início da Primeira Guerra Mundial, mas, com o desenrolar do conflito, passou a apoiar completamente os Aliados e a Inglaterra.

Já na Segunda Guerra Mundial, que aí sim pode-se dizer que este evento internacional contou com uma cobertura extensa e oficial da imprensa brasileira. Apesar de outros conflitos terem aparecido em nossos jornais, como no exemplo da Guerra do Paraguai e a Primeira Guerra Mundial mencionada acima, é com a Segunda Guerra que temos o primeiro conflito com uma extensa cobertura oficial pelo jornalismo brasileiro. As operações da FEB (Força Expedicionária Brasileira), que enviou cerca de 25 mil soldados para combater na Itália, foram cobertas por importantes repórteres, como Rubem Braga, José Hamilton Ribeiro e José Silveira (Guedes, 2023).

A partir deste evento, passamos a ter coberturas internacionais com maior frequência. Vale citar de exemplo o trabalho de Samuel Wainer, dono da *Revista Diretrizes* e

ex-funcionário dos Diários Associados de Chateaubriand. Durante seu exílio, a partir de 1944, o jornalista enviou uma série de despachos para O Globo e, ainda, decidiu ir à Europa para cobrir a situação no pós-guerra. Lá, ele cobre tanto o famoso Tribunal de Nuremberg, quanto consegue uma entrevista exclusiva com o oficial nazista Karl Doenitz (Monteiro, 2020).

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, o que vale ser lembrado também é a questão da censura e da propaganda. No Brasil, Garambone (2003) afirma que a imprensa realizou um patrulhamento ideológico durante o período em que o país, sob a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, participou diretamente da Segunda Guerra Mundial com o envio de tropas à Europa. O pesquisador português Carvalho (2013) corrobora essa visão, destacando que durante esta guerra, jornais e rádios serviram a uma agenda propagandista, distorcendo os fatos e publicando histórias que substituíam a realidade. Apesar de menos pressão e mais correspondentes no conflito, era preciso consultar tanto a imprensa Aliada quanto a do Eixo para ir além das propagandas de guerra. Importante ponderar, entretanto, que, mesmo com os vieses e as propagandas de guerra, um dos lados da Guerra (o Eixo) era radical, fascista e tinha políticas de extermínio.

Entre os jornalistas brasileiros que cobriram a Segunda Guerra, destaca-se Rubem Braga, cronista que acompanhou o exército brasileiro na Itália como correspondente do jornal Diário Carioca. Outro repórter foi Joel Silveira, escolhido por Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, para ser correspondente na guerra. No rádio, o radialista Francis Charlton Hallawell, conhecido como "Chico da BBC", foi o único brasileiro a enviar boletins em áudio diretamente do campo de batalha (Teixeira, 2018).

Com as inovações tecnológicas que marcaram o século XIX, surgiu a necessidade de organizar o processo de transmissão no mundo, disseminando um maior número de informações e reduzindo os custos. A chegada do telégrafo neste período ligou o jornalismo ao tempo presente, permitindo cobrir mais áreas e inserindo o jornalismo na era da informação instantânea. A globalização da comunicação se consolidou e trouxe diversas consequências, incluindo o desenvolvimento dos sistemas de cabos submarinos e o surgimento de agências de notícias internacionais. Os primeiros registros que temos de agências de notícia são nos anos 1830 (Viana; Lima, 2012). Em 1836, a francesa Agence Havas aparece, em seguida, a Associated Press nos Estados Unidos, em 1844, e logo depois, em 1851 a Reuters na Inglaterra.

As agências de notícias funcionavam, conforme descrito por Mattelart (2000), como um dispositivo de coleta e disseminação de informações, posicionadas no centro do sistema

mundial. Elas aproveitaram o sistema de cabos telegráficos, permitindo a transmissão de notícias a grandes distâncias e em alta velocidade. Com o surgimento das agências e o envio de jornalistas para outros países, a figura do correspondente internacional ganhou força, tornando-se um profissional cada vez mais comum com o avanço da globalização ao longo do século XIX e além.

Erbolato (1991) explica que as agências de notícias se consolidaram devido à incapacidade dos jornais de manter uma cobertura internacional abrangente. Ter correspondentes no exterior era financeiramente inviável para a maioria dos jornais, tornando mais econômica a opção de se filiarem a uma agência internacional de notícias, mesmo que com poucos correspondentes próprios. Contudo, o uso generalizado de informações das agências tende a uniformizar as notícias consumidas mundialmente. Assim, os veículos que possuem correspondentes no exterior contam com um diferencial, já que esses jornalistas podem oferecer uma perspectiva única sobre os eventos, produzindo conteúdos distintos das agências. Além disso, o correspondente pode interpretar o acontecimento internacional levando em conta os interesses de seu país de origem.

Sobretudo a partir da década de 1980, mas não apenas, as agências internacionais de imagens, como a *Reuters Television*, começaram a oferecer um noticiário "pasteurizado em termos de assuntos e enfoques" para veículos audiovisuais ao redor do mundo. As mesmas imagens são distribuídas para vários países, o que "homogeneiza" cada vez mais as notícias e suas fontes. Natali (2004) critica o fato de que a aquisição de conteúdo, sempre feita pelos grupos de comunicação mais poderosos, perpetua uma "sistemática da mesmice". O autor também aponta que existe um "outro lado": as imagens e o ponto de vista da TV árabe Al-Jazeera não são facilmente disseminados pelas demais emissoras globais (Natali, 2004).

Atualmente, entre as principais agências de notícias estão a norte-americana Associated Press (AP), a ex-britânica - agora canadense - Reuters e a francesa France-Presse (AFP). Juntas, essas agências, com a United Press International, foram conhecidas como as "Big Four" na década de 1970 (Aguiar, 2009, p.11).

Com o processo de globalização se intensificando nos anos 2000, os brasileiros passaram a demonstrar ainda mais interesse por assuntos internacionais (Avighi, 2007), ainda que o número de correspondentes internacionais tenha diminuído, por questão de custos, a partir de então. A cobertura de eventos globais é fundamental no jornalismo, especialmente numa era globalizada onde há uma demanda crescente por informação de diversas partes do mundo. A tecnologia e a disponibilidade de informação facilitaram significativamente o acesso a notícias internacionais, tornando mais simples para o jornalismo internacional

informar sobre eventos globais e seu impacto na sociedade. As novas tecnologias permitiram uma conexão mais ampla entre pessoas de diferentes países, proporcionando vantagens ao jornalismo pela facilidade de interconexão (Castro, 2006).

Para as editorias internacionais brasileiras, as alterações trazidas com a globalização foram sentidas, principalmente, após a informatização das redações. Além disso, a evolução tecnológica mudaria o “fazer jornalístico”: com a Internet, a transmissão de informações e o acesso às fontes em qualquer parte do mundo ficariam muito mais fáceis e menos onerosos (Castro, 2006, p.56).

No jornalismo internacional, a guerra é frequentemente uma das principais histórias cobertas e geralmente atrai a atenção de todos os meios de comunicação, especialmente da televisão. A guerra combina elementos de grande valor-notícia, como conflitos, dramas humanos e o envolvimento de nações importantes, o que é capaz de captar o interesse do público, mesmo daqueles que não têm proximidade cultural direta com os acontecimentos (Galtung; Ruge, 1999).

Lukacovic (2016), frisa que na maioria das coberturas de conflitos pelos meios de comunicação, quatro características principais aparecem: (1) o uso de propaganda, (2) uma tendência para as elites políticas e econômicas, (3) um enfoque na violência e (4) uma ênfase na vitória ou na mentalidade do vencedor/perdedor. Este tipo de cobertura midiática inclina-se a criar uma imagem tendenciosa de cada conflito em análise, simplificando excessivamente o que está a acontecer às pessoas envolvidas.

A cobertura de guerras está intrinsecamente ligada à própria existência desses conflitos, com os relatos sobre esses eventos tendo origens remotas – desde pinturas rupestres no Período Mesolítico, passando pelos hieróglifos egípcios, as narrativas épicas de Heródoto e as tragédias da era elisabetana – até os dias atuais, presentes tanto no jornalismo quanto em produções audiovisuais de ficção (Camargo, 2021). Como Bak (2016) aponta, “a única coisa que a humanidade parece valorizar mais do que tirar uma vida é registrar essa morte em tinta” (Bak, 2016, p. IX, tradução nossa¹).

Os relatos de guerra precedem o jornalismo internacional, ou melhor, o jornalismo como atividade profissional no geral. Entretanto, o jornalismo de guerra em si é uma das possíveis especializações jornalísticas (Teixeira, 2018). Carvalho (2013) afirma que o papel do correspondente de guerra é tão antigo quanto o próprio jornalismo.

Desde a antiguidade, muito antes do jornalismo existir como profissão, já se redigiam

¹ No original: “*The only thing humankind seems to value more than the taking of life is the recording of that death in ink*” (Bak, 2016, p. IX).

relatórios durante e após as guerras. Heródoto, conhecido como o "Pai da História", registrou suas impressões sobre a guerra entre gregos e persas. As civilizações medievais também têm variados e extensos registros de suas guerras. Histórias como as das Cruzadas (1096-1270), da Guerra de Tróia (1300 a.C.-1200 a.C.), e de figuras icônicas como Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.), e Júlio César (100 a.C.-44 a.C.) tornaram-se lendárias. A Guerra do Peloponeso (431 a.C.-404 a.C.), entre Atenas e Esparta, foi documentada por Tucídides (460 a.C.-455 a.C.), que presenciou os combates e registrou-os em *História da Guerra do Peloponeso* (Corrêa, 2012).

Com o passar dos séculos, a maneira de relatar guerras se transformou, sob uma perspectiva profissional. O correspondente de guerra é o jornalista que relata eventos diretamente de zonas de conflito armado.

No século XIX, os proprietários e editores de jornais perceberam que a guerra poderia ser rentável, pois atraía o interesse crescente dos leitores. Isso levou a um aumento no número de correspondentes nos campos de batalha, motivados não só por questões éticas e humanitárias, mas também por interesses comerciais. Carvalho (2013) afirma que o Jornalismo de Guerra marcou o início dos "anos de glória da imprensa". Neste sentido, a cobertura jornalística de guerra refletia (e estimulava) a crescente popularidade da imprensa.

Dois exemplos importantes do que podemos chamar da atuação de correspondentes de guerra brasileiros são na Guerra de Canudos (1896-1897) e na Guerra do Paraguai. Pensando em Guerra do Paraguai, um combatente que de certa forma atuou como correspondente que merece destaque foi Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle-Taunay, mais conhecido como Visconde de Taunay. Sobressaem-se dois relatos de Taunay sobre esse evento: *Retirada da Laguna* e *Diário do Exército*.

No primeiro livro, ele conta da sua participação como engenheiro da expedição militar comandada por Carlos Moraes Camisão, conhecida como coluna Camisão, que envolveu 1.500 oficiais e soldados brasileiros entre abril de 1865 e junho de 1867. Sua função incluía restaurar pontes, secretariar a comissão e contribuir nas decisões, embora ele tenha testemunhado o abandono de soldados doentes durante a retirada, um episódio sombrio da história militar brasileira. Seus registros, muitos dos quais foram enviados para os jornais, deram origem ao livro em questão, publicado parcialmente em francês, em 1868, e integralmente em português, em 1874, refletindo o apoio do Império à sua narrativa (Corrêa, 2012).

Em sua obra *Diário do Exército*, Taunay relatou o dia a dia da expedição de 1870, comandada pelo Conde D'Eu, que partiu para o interior do Paraguai. Comandante esse que

posteriormente reconheceu o valor de Taunay no front não só como mais um combatente, mas como um homem habilidoso, com qualidades literárias e científicas. Embora Taunay seja bem conhecido por seus registros de guerra, ele também é lembrado como um renomado escritor e colaborador de jornais (Corrêa; Cavalcanti-Cunha, 2017).

Pode-se dizer que a Guerra de Canudos foi a primeira que contou com correspondentes brasileiros. Sobre esse momento histórico, não se pode deixar de mencionar o famoso Euclides da Cunha, que apesar de não ter sido nem o único, nem o que passou mais tempo *in loco* como a historiografia atual já nos provou, é uma referência quando falamos sobre os registros deste conflito. Ele publicou reportagens e telegramas sobre sua viagem ao campo de batalha no jornal O Estado de S. Paulo. Elas foram posteriormente coletadas e deram origem ao livro *Diário de uma expedição*. O texto serviu como matéria-prima para a elaboração de *Os Sertões*, clássico da literatura brasileira.

A cobertura midiática de conflitos armados sempre atraiu a atenção do público e os interesses dos governos envolvidos. As inovações tecnológicas nos meios de comunicação também moldaram o Jornalismo de Guerra, proporcionando mais informação, maior credibilidade, sensação de realidade e novas formas de interpretação para o espectador (Cardoso, 2013).

Carvalho (2013) afirma que:

[...] os temas ligados à guerra são, na maioria das vezes, capa da publicação; há um número significativo de páginas dedicadas à guerra; os temas ligados à guerra são objeto frequente de notícias; o conflito é acompanhado mesmo depois do período inicial da guerra; os recursos adicionais no texto como fotografias e infografias estão presentes na maior parte dos casos (Carvalho, 2013, p.19).

O jornalismo de guerra muitas vezes transforma os conflitos em espetáculos, destacando armas, batalhas e tecnologia, no lugar da demonstração do sofrimento humano e nas vítimas, como aconteceu durante a Guerra do Golfo (Arbex Júnior, 2001). Dimitrova e Strömbäck (2008) ressaltam que a mídia não só informa, mas também influencia a opinião pública, especialmente em tempos de guerra, devido à sua capacidade de moldar a percepção sobre temas politicamente relevantes.

Abordando a Guerra do Golfo e os conflitos armados nos Balcãs, Charaudeau (2012) entende que as mídias seguem um "roteiro dramatizante" ao relatar eventos, composto por três etapas: (1) expor a desordem social, destacando vítimas e perseguidores; (2) clamar por reparação, responsabilizando os culpados; e (3) apresentar um salvador ou herói, individual ou coletivo, com o qual o público pode se identificar. O autor também observa que, dependendo do contexto, a mídia pode enfatizar mais as vítimas, os perseguidores ou o herói.

Beaumont (2010) afirma que o noticiário de guerra “requer um roteiro dramático familiar, um conjunto padronizado de elementos que transforma a história e a miséria dos homens em novela” (Beaumont, 2010, p. 92).

Teixeira (2018) entende que ainda que o Jornalismo de Guerra seja frequentemente visto como uma ramificação do jornalismo internacional, ele possui características próprias, especialmente em relação à linguagem e ao discurso. Além disso, ela afirma que o jornalismo de conflitos desempenha um papel significativo como uma "ferramenta de guerra", devido à sua capacidade de influenciar a opinião pública.

3. Contextualização do conflito

É impossível analisar qualquer cobertura sobre o conflito bélico que teve início no dia 24 de fevereiro de 2022, sem primeiro compreender a série de eventos históricos que culminou nesta guerra. Sendo assim, o capítulo a seguir se dedicará a cobrir, de forma breve, a relação entre Ucrânia e Rússia, relacionando os eventos com o conflito deflagrado em 2022.

A Ucrânia é o segundo maior país da Europa e foi uma das 15 repúblicas que faziam parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até sua dissolução, em 1991. A história da Ucrânia abrange o maior desastre nuclear do mundo, que aconteceu em Chernobyl, em 1986, além de períodos de prosperidade que resultaram em marcos arquitetônicos em suas cidades. Kiev, a capital, é famosa por sua impressionante paisagem urbana, caracterizada pelos domos de suas igrejas históricas, e o berço da nação está associado à ascensão do cristianismo ortodoxo no Oriente (BBC News, 2022).

Já no século IX, o território da Rus de Kiev reunia povos que hoje correspondem a russos, ucranianos e bielorrussos, compartilhando uma origem comum, com Kiev como capital. A religião oficial deste Estado era o cristianismo ortodoxo, estabelecido em 988 por Vladimir I de Kiev, que unificou o reino de Rus, abrangendo o território que atualmente corresponde a Belarus, Rússia e Ucrânia, estendendo-se até o Mar Báltico.

A capital do principado, Kiev, destacou-se como um importante centro comercial entre o Mar Negro e o Mar Báltico. Nesse período, a cultura da Rus de Kiev também floresceu, com expressivos avanços na arquitetura, pintura e literatura, contribuindo para o desenvolvimento de uma identidade cultural na comunidade política, que, mais tarde, não se preservaria. No século XIII, com a fragmentação do principado e a invasão mongol, a Rus de Kiev entrou em declínio. A queda deste Estado marcou o início de um período de divisão e conflitos na história da Rússia e da Ucrânia, que só se encerraria com o surgimento do czarismo russo (Ramos; Lima; Neto, 2022).

No século XV, os ucranianos se diferenciaram dos demais povos eslavos orientais (como russos e bielorrussos), sendo o povo que vivia na região fronteiriça (krai) com os poloneses (Pedro, 2023). Durante os séculos XVII e XVIII, o território ucraniano fazia fronteira com uma série de impérios concorrentes. Era uma região de permanente disputa e de limites altamente voláteis. Foi nesse período histórico que o nacionalismo ucraniano começou a se formar, quando as populações dos territórios ocidentais, sob o controle do Império Austro-Húngaro, passaram a se identificar como ucranianos em oposição ao processo de

russificação que ocorria na região a leste do rio Dnieper, dominada pelo Império Russo, no qual a língua ucraniana havia sido proibida e a fé ortodoxa russa incentivada.

É interessante observar que as próprias origens do que entendemos como povo russo hoje em dia não estão dentro das fronteiras do atual território da Rússia, mas sim da Ucrânia. Segrillo (2015), afirma que:

No século IX se formou o chamado Estado keviano ou Rus, que amalgamava os eslavos orientais daquela região. Na época ainda não havia surgido a diferença entre grãos-russos (os russos atuais), pequeno-russos (os ucranianos atuais) e russos brancos (os bielorrussos atuais), que formavam um povo só. Rus era uma grande confederação solta de cidades-Estado governadas por nobres vassalos do Grande Príncipe de Kiev. Essa origem comum e o fato de Kiev ter sido o berço da civilização russa atual explicam muito do caráter ambíguo (de amor/ódio) da relação existente hoje entre a Rússia e a Ucrânia. Parte dos ucranianos, principalmente os que vivem no leste do país, deseja ter laços íntimos com o "Grande Irmão" russo, ao passo que a outra metade, geralmente localizada no oeste do país, quer evitar a dependência e viver sua própria vida (Segrillo, 2015, p. 99).

Até hoje a Rus de Kiev é disputada entre russos e ucranianos como a verdadeira origem de seus Estados-nação. Por muito tempo, a visão amplamente aceita era que a Rus Kievana era apenas o berço da Rússia, apagando a história dos ucranianos. Houve uma mudança significativa em relação à visão historiográfica promovida pelo Kremlin quanto à relação dos ucranianos a suas origens em Kiev. Durante o Império Russo, que terminou em 1917, prevalecia a ideia de que a Ucrânia era simplesmente uma extensão da Rússia, sem autonomia própria. É importante destacar que, no contexto das mudanças de domínio territorial da Ucrânia, um evento crucial para o surgimento da Ucrânia moderna foi a Revolução Russa de 1917 (Ramos; Lima; Neto, 2022).

No entanto, sob o regime soviético, a Ucrânia passou a ser considerada uma nação irmã da Rússia, com ambas sendo descendentes da Rus de Kiev e compartilhando laços de cultura, religião, idioma e história comuns (Lieven, 1999, p. 14). Embora pareça uma diferença sutil, Segrillo (2015) desenvolve sobre a ambiguidade da relação de amor e ódio entre russos e ucranianos. A distinção entre dois países serem colocados como nações irmãs antes de serem duas partes de uma mesma nação dividida é essencial. Entre irmãos pode ser esperado um relacionamento de amor e ódio.

Figura 1: Rus de Kiev (980-1054)



Fonte: (Filho, s.p, 2022)²

Durante o século XIX e XX, o território seguiu se fragmentando e reconfigurando devido a conflitos. Houve alguns períodos de independência ucraniana antes de 1922, quando o país foi integrado à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Dentro do regime da URSS a Ucrânia, mais especificamente durante o governo de Stalin, aconteceu o que ficou conhecido como "Holodomor" (significando extermínio pela fome), Fome-Terror ou Grande Fome. Foi uma crise generalizada de fome que atingiu o país durante os anos de 1932 e 1933.

A interpretação sobre o Holodomor, suas razões e consequências, continua a ser uma questão particularmente controversa nas relações entre a Rússia e a Ucrânia. Em 28 de novembro de 2006, o Parlamento da Ucrânia, com o apoio do Presidente e em consulta com a Academia Nacional de Ciências, votou no sentido de reconhecer a Fome Ucraniana de 1932-33 como um ato deliberado de genocídio contra o povo ucraniano. Em 2010, quando Viktor Yanukovich, o líder do Partido das Regiões pró-russo, se tornou presidente da Ucrânia, o Holodomor foi rapidamente despromovido em termos da sua importância oficial e simbólica (Andriewsky, 2015).

² <https://ompv.eceme.eb.mil.br/conflitos-belicos-e-terrorismo/crru/428-pe>

Após a independência da Ucrânia, a versão oficial da história defendida por Moscou passou a ser amplamente questionada pelos historiadores ucranianos. Eles argumentam que a Ucrânia é a verdadeira herdeira da Rus de Kiev, enquanto o Reino de Moscou, sem necessariamente descender de Kiev, seria o precursor da nação russa. Assim como a ideia de uma origem comum reforça a postura imperial da Rússia, o esforço revisionista ucraniano busca estabelecer uma identidade nacional que remonte o mais longe possível no tempo, com o objetivo de consolidar sua percepção como uma entidade autônoma frente à vizinha historicamente imperialista.

O debate promovido por nacionalistas de ambos os lados desconsidera a possibilidade de que dois ou até três povos, incluindo os bielorrussos, possam ter uma origem comum em Kiev, sem que suas identidades sejam excludentes entre si (Lieven, 1999, p. 15). Embora talvez não se chegue a um consenso aceito por todas as partes, essa discussão é valiosa, pois demonstra como os eventos históricos são fundamentais na construção de identidades nacionais.

Fica cada vez mais evidente que o elemento histórico é parte essencial para compreender as relações mantidas entre Rússia e Ucrânia, tanto em termos de formação de identidade nacional de cada um, quanto sobre as questões geopolíticas e econômicas que afetam a interação entre os dois países (Adam, 2008).

Durante o período da União Soviética, o governo de Stalin transferiu muitos cidadãos soviéticos para a Ucrânia com o objetivo de repovoar a região. A maioria dessas pessoas não falava o idioma local nem tinha vínculos culturais com a república soviética. Assim, iniciou-se um novo processo de russificação em território ucraniano, mas a Moscou soviética não conseguiu alcançar o controle cultural sobre o país como havia planejado (Ramos; Lima; Neto, 2022).

Em outubro de 1990, em Kiev, estudantes se reuniram na Praça da Revolução de Outubro, posteriormente chamada de Praça da Independência, para exigir direitos políticos, econômicos e sociais. Esse movimento ficou conhecido como Revolução no Granito (*Революція на граніті*), já que os manifestantes passaram dias sentados no chão de pedra da praça (Codogni, 2019; Onuch, 2019).

Entretanto, apenas com a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética, a Ucrânia surgiu como um Estado independente, sendo uma das ex-repúblicas socialistas soviéticas do Leste Europeu. Em 24 de agosto de 1991, a Assembleia da República da Ucrânia declarou sua independência em relação a Moscou. A Ucrânia votou pela separação da União Soviética, decisão que seria confirmada em um referendo nacional em dezembro, no

qual a independência foi amplamente aprovada, inclusive nas províncias consideradas pró-russas do leste, como Luhansk e Donetsk (Pedro, 2023). A declaração de independência foi adotada pelo *Verkhovna Rada*, o parlamento ucraniano, proclamando a Ucrânia como um Estado soberano e independente, fundamentado nos princípios de soberania, democracia e respeito aos direitos humanos. Ela também ressaltou o desejo do povo ucraniano de construir um estado democrático, livre e independente (Sadokha, 2022). Suas fronteiras foram reconhecidas pela Rússia em um tratado firmado em 1997.

Após a independência, começaram as negociações comerciais e políticas entre a Rússia e a Ucrânia. Nesse momento, um grande impasse surgiu para os russos: a questão da península da Crimeia e o porto de Sebastopol. Na época, Boris Yeltsin usou a forte dependência energética da Ucrânia em relação à Rússia (que fornecia mais de 50% do consumo de energia ucraniano) para pressionar por uma negociação favorável aos interesses russos na Crimeia. No final, foi acordado que a Rússia teria acesso livre militar e comercial à Crimeia e ao porto de Sebastopol, embora esses territórios permanecessem sob soberania ucraniana. Em troca desse livre acesso, a Rússia ofereceria vantagens comerciais à Ucrânia na compra de gás (Amal, 2017).

No pós Guerra Fria, os laços históricos entre os dois países continuaram se manifestando em sua complexa relação. Três anos após a queda da URSS e a subsequente independência ucraniana, o país concedeu, em 1994, seus armamentos nucleares à Federação Russa, em troca de proteção e reconhecimento da soberania de seu país (Costa, 2022). Essa transferência foi acordada no Memorando de Budapeste de 1994, quando a Rússia fez um acordo com o Reino Unido e os EUA para respeitar as fronteiras da Ucrânia e não ameaçá-las com força.

Em 2004, a Ucrânia passou pela Revolução Laranja, uma série de protestos populares contra Viktor Yanukovich, um político de orientação pró-Moscou. Yanukovich ganhou as eleições nesse mesmo ano e foi acusado de fraude e corrupção. Houve uma série de protestos em massa, pacíficos, que se inserem no conceito das "Revoluções Coloridas", supostamente financiadas pelos Estados Unidos e outros países ocidentais (Sussman; Krader, 2008). Esse levante pacífico resultou na destituição de Yanukovich, que abdicou da presidência e chamou novas eleições, sendo substituído pelo candidato que havia perdido, o pró-Occidente Viktor Yushenko.

Essa revolução gerou grande preocupação para Vladimir Putin e para a Rússia, pois o novo presidente, ao contrário de seu antecessor, não desejava manter proximidade com o país.

Pelo contrário, ele buscava negociar a entrada da Ucrânia na União Europeia e, em 2007, iniciou as tratativas para o Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia (Amal, 2017).

Em resposta, a Rússia começou a praticar uma "guerra do gás" contra a Ucrânia, cortando o fornecimento durante o inverno e aumentando significativamente o preço de importação do produto, numa tentativa de dissuadir Yuschenko de sua iniciativa (Kalb, 2015). Isso fez com que Yuschenko perdesse a popularidade conquistada nos protestos de 2004.

Nas novas eleições ucranianas em 2010, o vencedor foi Viktor Yanukovych. É importante ter em mente que a entrada da Ucrânia na União Europeia já nessa época, apesar do lobby que estava sendo feito desde 2007 pelos ucranianos, era algo inaceitável para Putin, que estava disposto a fazer de tudo para impedir que isso ocorresse. Sob pressão política da Rússia, o presidente ucraniano suspendeu a assinatura do acordo com a UE em 21 de novembro de 2013. O motivo dessa mudança repentina foi revelado algumas semanas depois: Putin ofereceu uma proposta alternativa ao acordo europeu, que incluía investimentos russos no setor industrial ucraniano, uma redução de um terço no preço de importação do gás, e a compra de 15 bilhões de dólares da dívida ucraniana pela Rússia (Plekhanov, 2016).

O Euromaidan, inspirado por levantes semelhantes ocorridos em outros países na mesma época, como a Primavera Árabe, foi impulsionado pelo desejo da população por uma maior integração com a União Europeia (que vale ressaltar: não significaria, naquele momento, a entrada do país no bloco), após Yanukovych ter se recusado a assinar um acordo de cooperação econômica com o bloco europeu.

Figura 2: Revolução Laranja 2004



Fonte: (Zadiraka, 2004)³

³ Disponível em:

https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/kyiv-ukraine-events-december-2004-orange-543473500?utm_campaign=image&utm_medium=googleimages&utm_source=iptc

Esses protestos de 2014 que ficaram conhecidos também como "Revolução da Dignidade", marcada por manifestações mais intensas e violentas, que levaram à queda do presidente ucraniano da época. Vladimir Putin interpretou tais eventos como um golpe de Estado, resultado de uma tentativa ocidental de desestabilizar a Ucrânia, sinalizando seu descontentamento com a direção que a sociedade ucraniana estava tomando (Damázio, 2023).

Os protestos se intensificaram e os manifestantes antigoverno chegaram a ocupar diversos edifícios em Kiev, incluindo o Ministério da Justiça. Como resultado das manifestações, 98 pessoas perderam a vida e milhares ficaram feridas. Em 21 de fevereiro de 2014, chegou-se a um acordo que previa a formação de um governo de unidade nacional até as eleições, previstas para maio. Conforme o acordo, a polícia retirou-se da praça Maidan, mas os manifestantes permaneceram. Violando o pacto de paz, os manifestantes ocuparam prédios governamentais, e, temendo por sua vida, Yanukovich foi exilado em Moscou (Mearsheimer, 2014).

Figura 3: Revolução da Dignidade/Euromaidan



Fonte: (Gontijo, 2020, p. 8)

A Rússia reagiu rapidamente à queda de Yanukovich. Mesmo antes de o parlamento aprovar o uso da força militar na Ucrânia, solicitado por Putin, as tropas russas já haviam começado a ocupar áreas estratégicas da península da Crimeia no final de fevereiro, com a

desculpa de proteger a população russa da região. A Crimeia é uma península situada ao sul da Ucrânia, cujo território fez parte da antiga URSS e foi transferido para a Ucrânia apenas em 1954. Enquanto o oeste da Crimeia é predominantemente católico e usa o ucraniano como língua, o leste é majoritariamente composto por russos ortodoxos, que falam o russo como idioma principal (Silva, 2022). Os militares que chegaram para "proteger" a região tomaram o controle político da província, criando uma zona de resistência.

Fernandes (2019) afirma que:

O processo de anexação não é reconhecido pela Ucrânia, que contesta o tratado, não reconhecendo a independência da Crimeia e Sevastopol e considera a própria anexação como ilegal [...] O Secretário-Geral da OTAN, Anders Fogh Rasmussen, e vários líderes mundiais condenaram as ações da Rússia como uma anexação ilegal. (Fernandes, 2019, p. 5).

Após a queda de Yanukovych, o Parlamento da Crimeia escolheu um primeiro-ministro pró-Rússia e aprovou a separação da Ucrânia. Há suspeitas de que o referendo feito em 16 de março, questionando se queriam que a república autônoma da Crimeia se juntasse à Rússia, foi fraudulento, mas não houve provas divulgadas. Dois dias depois, em 18 de março, Putin oficializou a invasão, assinando um projeto de lei incorporando a Crimeia à Federação Russa.

A anexação da Crimeia foi uma ação estratégica para que a Rússia demonstrasse seu compromisso em impedir que a Ucrânia se aproximasse da Europa Ocidental. Para os russos, a Ucrânia, juntamente com Estônia, Letônia, Geórgia, Bielorrússia e Azerbaijão, é considerada fundamental em sua visão estratégica, por funcionar como uma zona de neutralidade entre a Rússia e os países europeus que fazem parte da União Europeia e, principalmente, da OTAN (Marshall, 2015).

A anexação foi amplamente condenada pela comunidade internacional, e tanto os Estados Unidos quanto a União Europeia impuseram várias sanções a indivíduos e empresas russas em resposta à ocupação da península.

Nesse contexto, Putin forneceu conselheiros, armamentos e apoio diplomático aos separatistas russos no leste da Ucrânia. Posteriormente, forças pró-Rússia armadas ocuparam as cidades ucranianas de Donetsk e Kharkiv (Mearsheimer, 2014; Mielniczuk, 2014). Diante desses desdobramentos, o governo ucraniano temeu pela integridade territorial do país, com o risco de anexação de outros territórios. Em resposta, as autoridades em Kiev autorizaram o envio de forças militares para essas regiões, com o objetivo de conter os rebeldes russos. Em contrapartida, Putin posicionou tropas na fronteira com a Ucrânia e ameaçou invadir caso o

governo atacasse os rebeldes pró-Rússia. Essas ações levaram à escalada do conflito e a uma maior repercussão no cenário internacional (Silva, 2022).

A facilidade com que Moscou anexou a Crimeia, somada aos numerosos erros políticos dos líderes provisórios de Kiev, levou à radicalização dos federalistas e separatistas nas regiões de língua russa da Ucrânia. De Odessa, no sul, até Kharkiv, no leste, ocorreram confrontos violentos entre apoiadores do Euromaidan e do Antimaidan (Bonet, 2015).

Nas eleições gerais de maio de 2014, Petro Poroshenko foi eleito com mais de 50% dos votos, defendendo uma plataforma pró-União Europeia, mas seu governo não conseguiu acalmar as tensões no país (Farias, 2022), tentando em vão recuperar o controle das regiões separatistas.

Poroshenko iniciou seu mandato como presidente da Ucrânia com o objetivo de fortalecer a Guarda Nacional, destinada a proteger o país de "combatentes terroristas". Ele também implementou uma série de reformas para melhorar as condições financeiras e econômicas do país, visando acalmar a população. No entanto, enfrentou dificuldades devido às tentativas de desestabilização da Rússia, que continuava a aumentar o número de tropas posicionadas na fronteira (Pomeranz, 2014).

Desde 2014 a tensão entre os dois países vinha crescendo, a anexação e os conflitos separatistas que tomaram força criaram um complexo quadro. Em 2019, com a eleição do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, não alinhado ao Kremlin, e as conversas cada vez mais frequentes entre Ucrânia e Ocidente, o posicionamento da Rússia foi se mostrando cada vez mais intrusivo.

Todo esse passado entre Rússia e Ucrânia é essencial para entender o que aconteceu em fevereiro de 2022. Desde o final de 2021, a Rússia intensificou sua presença militar nas proximidades da Ucrânia, enviando milhares de tropas, veículos e equipamentos. Além disso, realizava uma série de exercícios militares, inclusive na Bielorrússia, que é um dos poucos países que apoia abertamente a invasão.

Além do aumento militar, já havia indícios de uma campanha de influência russa visando desacreditar os líderes da Ucrânia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte, que vinham alertando sobre uma possível ofensiva russa. No fim de 2021, um funcionário da Casa Branca teve uma fala citada em reportagem da CNN afirmando que:

Informações recentes também sugerem que as autoridades russas propuseram ajustar suas operações de informação contra a Ucrânia para reforçar a narrativa de que os líderes ucranianos foram colocados no poder pelo Ocidente, alimentavam ódio pelo 'mundo russo' e agiam contra os interesses do povo ucraniano (Liptak, 2021).

Com as conversas sobre a possibilidade da Ucrânia passar a ser membro da OTAN, que vinham acontecendo nos últimos anos, no fim de 2021, o presidente russo Vladimir Putin resolveu apresentar à OTAN uma lista de exigências de segurança. A principal delas era que a Ucrânia nunca se tornasse parte do bloco militar ocidental, pois a Rússia vê a expansão da OTAN como uma ameaça à sua integridade territorial.

Em fevereiro de 2022, poucos dias antes da invasão, Putin reconheceu a independência de duas áreas separatistas pró-Rússia, autodenominadas República Popular de Donetsk e República Popular de Luhansk, regiões essas que, como demonstrado na apresentação histórica da relação entre os dois países, já possuem movimentos separatistas há anos. Esse certamente é o marco inaugural do que chamamos agora de Guerra da Ucrânia. Essas províncias passaram a ser tratadas pela Rússia como Estados independentes.

No primeiro dia dos ataques, em 24 de fevereiro de 2022, o presidente russo justificou a ação em uma declaração gravada, que foi transmitida pela televisão. Ele afirmou, entre outros argumentos, que estava ocorrendo um “genocídio” no leste da Ucrânia, perpetrado por tropas “neonazistas” do país contra russos étnicos e separatistas.

Na perspectiva de Putin, exposta em carta, o Governo ucraniano estaria perseguindo cidadãos de origem russa e mostrando hostilidade em relação aos laços culturais e religiosos entre os países, como a língua russa e a fé ortodoxa (Sanches, 2022). Portanto, a ação dos soldados russos visava “proteger as pessoas que têm sido alvo de bullying e genocídio pelo regime de Kiev” desde 2014 (Nunes, 2022).

Nas semanas iniciais da guerra, ou operação militar especial russa, conforme Putin, delegações de ambos os países se reuniram várias vezes para tentar chegar a um acordo de paz. Entre as exigências russas estava o compromisso de neutralidade militar, o que, na prática, impediria a Ucrânia de se juntar à OTAN. Além disso, o Kremlin demandou a desmilitarização e “desnazificação” da Ucrânia, o reconhecimento da independência de Donetsk e Luhansk, bem como a aceitação de que a Crimeia é parte do território russo desde 2014.

Quando os confrontos tiveram início, Putin antecipava uma vitória rápida. No entanto, ao marcharem em direção à capital, Kiev, as forças russas foram obrigadas a enfrentar a surpreendentemente forte resistência ucraniana. O primeiro dia foi marcado por imagens de veículos militares da Rússia cruzando a fronteira de diferentes direções, sendo veiculadas internacionalmente. Imagens de estragos causados por mísseis, pessoas feridas, fuga em massa por estradas e ferrovias, filas em caixas eletrônicos, voos civis cancelados e moradores procurando abrigos subterrâneos passavam nos jornais e eram publicadas em redes sociais.

No mesmo dia da invasão, os países da sociedade internacional já começaram a se articular e foi convocada uma reunião extraordinária do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). O Conselho elaborou uma resolução primária, mas que foi vetada pela Rússia. Vale ressaltar que a Rússia é parte dos cinco membros permanentes do Conselho (P5), e, portanto, pode vetar qualquer pacote ou resolução proposta neste âmbito. Por meio da Resolução *Unite for Peace*, a questão foi levada à Assembleia Geral das Nações Unidas, que aprovou uma Resolução condenando a invasão. O Brasil votou a favor desta Resolução. Ainda que o CSNU não tenha tomado uma decisão final, dado o poder de veto russo, foi articulado durante as reuniões um amplo pacote de sanções unilaterais, sobretudo por parte dos Estados Unidos e da União Europeia.

Mesmo com a resistência ucraniana, o exército russo conseguiu assegurar o controle de algumas cidades importantes e infraestruturas-chave. Esse foi o caso das usinas nucleares de Chernobyl e de Zaporizhia. A usina de Zaporizhia é considerada a maior usina da Europa em geração de energia. No primeiro mês, os militares russos também tomaram o controle de cidades como Sumy e Kharkiv, no leste da Ucrânia, e Kherson, Melitopol e Volnovakha, ao sul do país. Tudo isso com o objetivo de cercar e dominar Kiev, a capital.

Figura 4: Invasão russa à Ucrânia



Fonte: Financial Times, 2022. Adaptado por Poder 360⁴

⁴ Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/guerra-na-ucrania-completa-um-mes-leia-principais-acontecimentos/>

4. Análise da Cobertura do Jornal Nacional

O simples fato de um acontecimento estar inserido ou não no âmbito dos discursos jornalísticos implica em que faça parte ou não do nosso repertório de atualidade. Sem dúvida, os discursos jornalísticos são os principais gerenciadores das representações de realidade cotidiana, consistindo num poder efetivamente real e simbólico (Becker, 2001, p. 18).

A teoria do agendamento, originalmente conhecida como *agenda setting*, argumenta que os meios de comunicação não determinam como pensar, mas têm o poder de influenciar sobre o que pensaremos. Em essência, ela sugere que a mídia desempenha um papel crucial ao definir os temas que estarão presentes no debate público. Isso ocorre porque as pessoas tendem a considerar importantes os eventos destacados pela mídia e, conseqüentemente, incluem esses assuntos em suas conversas diárias.

McCombs (2009) entende que grande parte do conhecimento e informação que o público adquire sobre assuntos internacionais advém do jornalismo. Muitos desses temas e preocupações não estão ao alcance da experiência direta das pessoas. Com o tempo, os assuntos destacados nas notícias passam a ser vistos como os mais relevantes pelo público. "Em outras palavras, os meios jornalísticos definem a agenda pública" (McCombs, 2009).

Nos dias de hoje, os efeitos de *agenda setting* não partem apenas dos grandes veículos de comunicação. Stig Hjarvard, por exemplo, desenvolve sobre a capacidade de agendamento da comunicação interpessoal, atualmente facilitada por canais de comunicação interativos, tais como as mídias sociais (2014, p. 98). Sendo assim, vale frisar, que o jornalismo tradicional, com os grandes veículos de imprensa, ganhou um importante concorrente em termos de definição dos assuntos da agenda pública, as redes sociais.

O conflito trabalhado neste trabalho, por exemplo, reconfigurou as rotinas de produção jornalística, impulsionando uma dependência significativa das redes sociais como fonte primária de informação. O conflito, caracterizado como "a primeira guerra das redes sociais" (Damázio, 2023), evidenciou a capacidade das plataformas digitais em fornecer, em tempo real, relatos, imagens e vídeos diretamente da zona de conflito. Jornalistas, especialmente enviados especiais, passaram a utilizar plataformas como Twitter e Telegram para monitorar os acontecimentos, acompanhar o trabalho de outros colegas, seguir analistas e especialistas, e até mesmo contatar potenciais fontes e vítimas no terreno.

Essa dependência, contudo, apresenta desafios e oportunidades para o jornalismo. Por um lado, as redes sociais democratizam o acesso à informação e proporcionam uma cobertura mais imediata e abrangente da guerra. Por outro, a proliferação de desinformação e *fake news*

exige um rigor ainda maior na apuração e verificação de fatos, desafiando a credibilidade do jornalismo e demandando um esforço adicional dos profissionais para filtrar o conteúdo proveniente dessas plataformas (Damázio, 2023). A Guerra na Ucrânia evidenciou, portanto, a necessidade de adaptação do jornalismo às novas dinâmicas de produção e consumo de informação, impulsionadas pelas redes sociais, sem comprometer a ética e a precisão que definem a profissão.

Refletindo sobre a representação mental dos eventos, moldada pelos meios de comunicação, percebemos que o mundo social é caracterizado por um sistema de significados imaginários que serve de base para a construção de nossas próprias concepções imaginárias. No contexto do imaginário geopolítico (Steinberger, 2005) dos meios de comunicação de massa, os discursos apontam para novas formas de globalização que merecem destaque. Essas ideias são propagadas pela mídia por meio da seleção de eventos e também pela esfera opinativa.

Como trabalhado por Motta (2005), as narrativas midiáticas não são meras representações acríticas da realidade. Elas são uma forma de organização das ações com base em certas estratégias culturais. "As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação" (Motta, 2005, p. 4). É importante ter isso em mente quando observamos qualquer cobertura jornalística.

Toda narrativa é construída, seja conscientemente ou não, para privilegiar certos aspectos ou personagens em detrimento de outros e isso tem seus efeitos. Novais (2023) entende, por exemplo, que na mídia hegemônica brasileira o Ocidente tende a aparecer como o padrão sócio político perante o resto do mundo, o que acaba implicando numa falta de diversidade de pensamento nos conteúdos apresentados, dando exclusividade a ideologias, culturas e valores já predominantes.

A Rede Globo e o Jornal Nacional conquistaram, ao longo dos anos, a confiança de seus espectadores, criando credibilidade por meio da cobertura de eventos. Frequentemente, adotam uma postura de solidariedade, condenando determinados acontecimentos e exigindo punições rigorosas de autoridades competentes. Isso reforça, por meio de textos, discursos ou até mesmo pela narração, a percepção de que o Jornal Nacional é um programa jornalístico confiável e sério (Novais, 2023). Vale pontuar que isso acontece apesar de o telejornal ter recebido, ao longo de sua história, críticas fortes por certas coberturas, como a da campanha pelas Diretas Já e a das eleições presidenciais de 1989.

4.1 Análise do conteúdo da cobertura

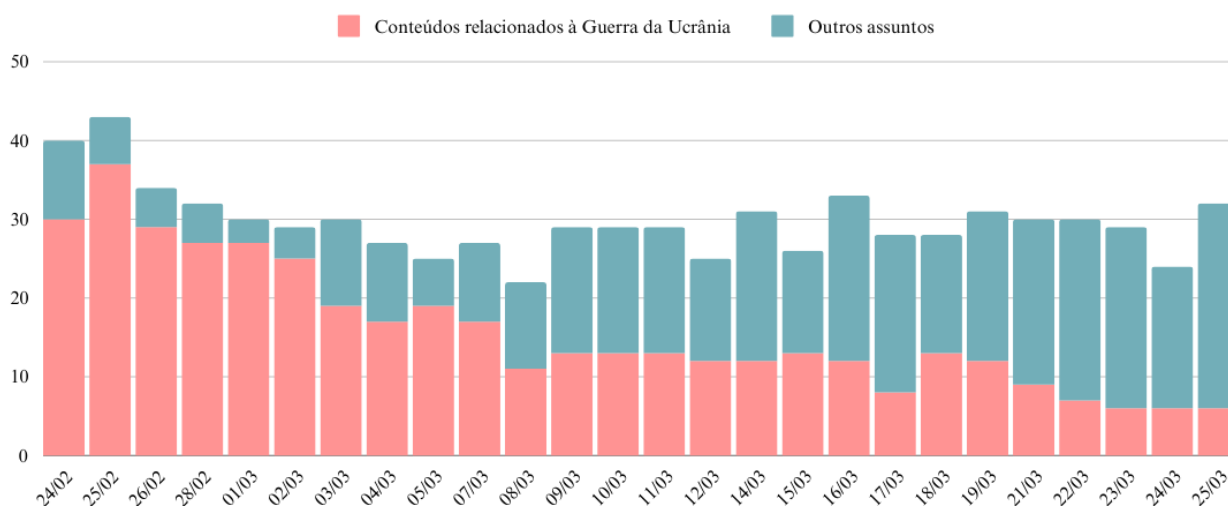
É por meio da imagem em movimento, do testemunho de repórteres e cinegrafistas e das vozes de entrevistados que compreendemos excertos de um mundo ontologicamente impossível de capturar pelos próprios sentidos (Lobato, p. 385, 2015).

O Jornal Nacional é o telejornal da televisão aberta com maior audiência e tem uma duração de cerca de 50 minutos. De segunda a sábado, o noticiário vai ao ar no chamado horário nobre da televisão e conta com variados blocos, compostos por escalada, reportagens, notas e entradas ao vivo. Durante o primeiro mês de conflito entre Rússia e Ucrânia, contando do dia 24 de fevereiro ao dia 25 de março de 2022, foram exibidas 26 edições do Jornal Nacional.

No primeiro mês da guerra, grande parte das edições foi ocupada por notícias sobre ou relacionadas ao conflito. Em 2023, Adrienne Magalhães de Queiroz Teles Gomes fez um trabalho analisando quantitativamente essa cobertura e contabilizou que 191 reportagens exibidas neste mês tiveram alguma relação com a guerra. Isso representa cerca de 60,8% do total.

No gráfico abaixo, é possível observar numericamente a composição do noticiário em cada uma das edições, considerando a escalada, notas, reportagens e entradas ao vivo que tinham alguma relação com a cobertura do conflito ou não.

Gráfico 1: Cobertura do Jornal Nacional em números



Fonte: elaboração própria com dados de Gomes, 2023

Em termos de valor-notícia, nota-se ao observar o gráfico e assistindo as edições, que a guerra tem um alto grau de noticiabilidade. Os acontecimentos da guerra são um tanto quanto imprevisíveis, mesmo para os especialistas no assunto. Muitos são chamados para fazer seus comentários e análises nas reportagens do JN sobre o conflito em questão, mas o que se tem são previsões, nada é exato. As consequências desta guerra estão impactando todo o mundo em variadas esferas, como vemos até hoje, razão pela qual ela tem relevância internacionalmente. Entretanto, quanto mais o conflito foi se estendendo e outros conflitos importantes foram surgindo, menos valor-notícia passou a ter. Ele se tornou algo relativamente comum, que sabemos que existe, que segue acontecendo, mas que só nos chama atenção novamente quando há algum episódio muito específico ou de consequências muito drásticas para além dos dois principais envolvidos.

Ainda que essa análise quantitativa seja muito importante para entendermos o porquê e como a guerra entre Rússia e Ucrânia foi perdendo espaço nas edições do Jornal Nacional, é importante olharmos para essa cobertura qualitativamente também. Antes de começar a análise, é importante mencionar que a coleta de informações precisas sobre a invasão russa à Ucrânia é muito difícil, visto que as mídias dos dois países diretamente envolvidos no conflito não são totalmente confiáveis, sofrem com recursos limitados, no caso da Ucrânia pelo país estar sendo atacado, e sofrem com alta censura e repressão na Rússia. Os dados oriundos das mídias nacionais têm diferido muito, então, a cobertura deste conflito é um desafio por si só.

Quanto à edição do dia 24 de fevereiro de 2022, dia que marca oficialmente o início da guerra, podemos destrinchar alguns fenômenos. Há uma tentativa constante de reconstruir por meio da narrativa midiática o cenário da Guerra Fria, por exemplo. É importante reconhecer que o JN faz um esforço para apresentar o conflito de uma forma acessível, com o uso de mapas, como o destacado abaixo, gráficos, chamando especialistas (e isso se repete em todas as edições que tratam do conflito, não só nesta primeira), mas existem alguns problemas-chave que serão identificados ao longo desta exposição.

Figura 5: Mapa exibido no JN mostrando onde foram os ataques russos



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Como a edição tenta construir um imaginário parecido com o da Guerra Fria, o que acaba acontecendo é que se pauta mais na relação entre Estados Unidos e Rússia do que os dilemas entre os dois países envolvidos na Guerra, a Rússia e a Ucrânia. Expressões bem dramáticas como "teatro de guerra" e frases de efeito como "o dia que a humanidade se manteve em suspense" ou "a máscara de Vladimir Putin caiu" evidenciam a tentativa de recriar um clima de alta tensão mundial como o dos anos 1950-1980.

Que o tom das reportagens é bem ocidental⁵, muitas análises já nos dizem, mas é muito interessante observar como a narrativa insiste na dicotomia Rússia x Estados Unidos. Nos primeiros momentos da edição, por cerca de 15 minutos, a Ucrânia em si mal é mencionada. Essa afirmação se sustenta, por exemplo, quando a reportagem do JN faz comparações entre o poderio militar russo e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), mas não quantifica o poder militar ucraniano, que é o país de fato envolvido na guerra e não é membro da OTAN.

⁵ Ainda nesta edição do primeiro dia oficial de conflito, a palavra "Ocidente" é usada muitas vezes e traz consigo um tom de credibilidade. Frases como "A sirene confirmou os meses de alerta do Ocidente", "O Ocidente faz homenagens à Ucrânia" e outras são exemplos disso. Ademais, Ocidente foi usado pelo JN quase que como sinônimo para Estados Unidos, União Europeia e Reino Unido. Os Estados Unidos são retratados como um agente central neste conflito e é até lhes dado o crédito de terem observado e acusado a Rússia de engajar tropas para conflito direto antes da invasão ocorrer de fato.

Figura 6: Poderio Militar russo e da OTAN em números



Fonte: Jornal Nacional, 2022

A capacidade militar da Ucrânia só é mencionada posteriormente pela sonora do professor Andrew Trauman, que, em sua fala, enfatiza que a Ucrânia tem um dos quatro maiores exércitos da Europa, lembrando que se trata de uma guerra localizada entre dois Estados. Além de destacar que a Ucrânia não é membro da OTAN. Importante realçar que, por não ser membro da OTAN, os países membros da aliança não têm razão clara, nem um bom custo benefício para se engajar diretamente no conflito. Sendo assim, enviaram soldados para países membros próximos, mas não preveem a mobilização dessas tropas fora dos territórios da aliança.

Essa tendência ocidental pode ser notada no fato das edições constantemente falarem da OTAN, colocando a OTAN, inclusive, como uma potencial "*great saviour*" da Ucrânia e o próprio desejo da Ucrânia de entrar na OTAN como a causa principal da invasão russa. No entanto, como detalhado no capítulo anterior, as causas desse conflito são complexas e têm raízes históricas. Outra recorrência nas edições do JN que cobriram a guerra e a personalização do conflito. Por muitas vezes, são colocadas as figuras dos presidentes e dos ministros das relações exteriores dos dois países como dois grupos em embate.

Mais uma prática comum na cobertura do JN foi o retrato da situação de brasileiros que estavam na Ucrânia. O uso frequente desses testemunhos, como visto na figura abaixo, que destaca quatro reportagens da primeira semana de cobertura, serve para criar uma maior empatia no público brasileiro, estabelecer um vínculo mais palpável, dado que estamos geograficamente muito distantes do conflito.

Figura 7: Reportagens do JN tratando de brasileiros na Ucrânia



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Ainda sobre a relação do Brasil com o conflito, dois outros aspectos se destacam na cobertura do JN: críticas ao Itamaraty e ao posicionamento do Governo Bolsonaro. Quanto ao Itamaraty, parece que a narrativa busca construir uma imagem de despreparo do ministério. A reportagem, destacada na Figura 8 abaixo, por exemplo, chega a demonstrar a tentativa do jornal de apresentar uma contradição nas atitudes do Ministério das Relações Exteriores, como se a primeira resposta do órgão tivesse sido um reflexo despreparado e, depois de alguns dias, os diplomatas teriam como se preparar para responder. O problema de construir essa imagem é tanto que menospreza a capacidade da agência e a relevância do Itamaraty na situação, quanto por ser uma imagem equivocada.

O conflito tem alta complexidade para o Brasil, porque a Rússia, além de ser um parceiro comercial⁶ importante, é membro dos BRICS, um bloco significativo para o país. Ao mesmo tempo, a diplomacia brasileira tradicionalmente se posiciona contra violações de soberania territorial, o que está acontecendo nessa guerra, visto que a Rússia invadiu o território ucraniano, e contra violações aos Direitos Humanos, que também vêm sendo

⁶ Em 2023, a Rússia foi a 11ª maior economia mundial. Membro fundador dos BRICs ao lado do Brasil, o país ocupa um lugar de destaque no comércio exterior brasileiro, como o quinto maior fornecedor do Brasil e o terceiro principal entre os países europeus e asiáticos. As exportações brasileiras para a Rússia somaram US\$ 1,3 bilhão no último ano, com uma pauta concentrada em produtos como soja, carne bovina, café não torrado e amendoins. No caso deste último, do valor total exportado pelo Brasil, 27% correspondem ao valor importado pela Rússia (Apex Brasil, 2024).

perpetradas pela Rússia. Logo, qualquer declaração ou operação que o Brasil viesse a fazer, precisava ser cautelosamente pensada e organizada para não prejudicar nenhuma relação do país. Portanto, o fato do Ministério ter elaborado em seis dias a operação de repatriação e já ter soltado notas oficiais sobre o conflito previamente não necessariamente demonstra despreparo nem contradição em suas ações, mas sim um cuidado.

Quanto ao Governo Bolsonaro, a narrativa crítica do jornal persiste, mas o quadro já é um pouco diferente. Na Figura 9, foram destacadas três reportagens do JN nesse primeiro mês da guerra que falam sobre ações do agora ex-presidente. Sobre as ações de Bolsonaro, o JN criticou a demora do ex-presidente em se posicionar, sua desautorização da fala do então vice presidente Mourão e a insistência em um discurso de neutralidade quanto ao conflito. A demora, de certa forma, segue a mesma linha da necessidade de cautela do Itamaraty em publicar uma nota oficial, visto que, por ser o Chefe de Estado, o presidente representa o país internacionalmente e deve seguir as orientações do Ministério especializado para se colocar oficialmente. Entretanto, mesmo com as notas do Ministério das Relações Exteriores já publicadas, Bolsonaro ainda assim demorou para fazer suas disposições sobre o assunto, enquanto se ocupava com outras atividades de menor importância para o país, mas de relevância para sua agenda política, como "motociatas" com seus apoiadores.

Em contrapartida, o ex-vice presidente, general Hamilton Mourão, fez suas colocações antes mesmo do Itamaraty se manifestar. Embora a atitude tenha sido equivocada, a desautorização de sua fala por Bolsonaro exacerbou a situação, porque mostrou certo despreparo e ausência de harmonia e coordenação em sua própria equipe.

Por fim, quanto à questão da insistência na neutralidade, duas frentes diferentes podem ser mencionadas. Especificamente sobre a fala do presidente Bolsonaro mencionada na reportagem destacada abaixo⁷, o problema não foi o então presidente supostamente defender uma neutralidade, mas sim emitir uma “opinião” equivocada, sendo que ele mesmo havia dito que só daria qualquer declaração após o projeto de resolução. Opinião equivocada essa que vai contra o discurso oficial brasileiro, já que, oficialmente, o Brasil não reconhece a independência das regiões separatistas de Luhansk e Donetsk. Além disso, no momento em

⁷ "No meu entender, nós não vamos tomar partido. Nós vamos continuar pela neutralidade e ajudar o que for possível em busca da solução." Na mesma entrevista, ao ser questionado sobre o massacre na Ucrânia, Bolsonaro tentou amenizar a situação. "Você está exagerando sobre isso de massacre. Não há interesse, eu entendo, por parte de um chefe de Estado como o da Rússia, para praticar um massacre onde quer que seja. Ele está se empenhando ali em duas regiões do sul da Ucrânia, que, em referendo, mais de 90%, em média, 90% da população quer se tornar independente, quer se aproximar da Rússia. É isso que está acontecendo. Equipamento de guerra é para matar, você sabe disso aí." Então o senhor não condena as ações do Putin? "Olha, eu não tenho... Eu vou esperar o relatório, como vai ser o projeto de resolução, para emitir a minha opinião." (Jornal Nacional, 2022).

que Bolsonaro tenta amenizar a violência do conflito ao falar que não há nenhum tipo de massacre, que os interesses russos eram em apoio às províncias separatistas e que equipamentos de guerra geram mortes, ele também vai contra a prática do Itamaraty de condenar qualquer tipo de violação ao Direitos Humanos e de respeito às Leis de Guerra, que vêm sendo infringidas constantemente pelos russos.

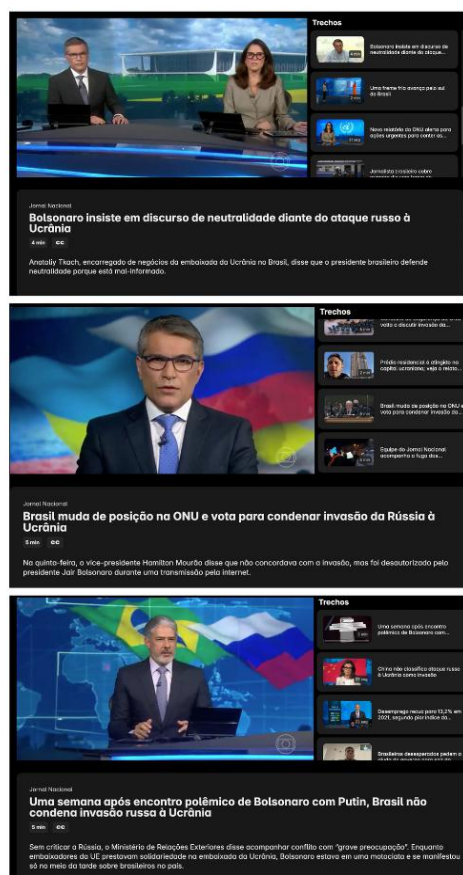
Em respeito a outra frente que podemos observar neste panorama de críticas ao governo, o JN segue, de certa forma, criando uma imagem de despreparo e contradições sobre o Itamaraty. Ao passo que o JN estabelece nas primeiras edições, por exemplo, um paralelo entre Brasil e China, pelo fato dos dois países não terem condenado diretamente o ataque, ou destinado sanções unilateralmente à Rússia. No entanto, mais uma vez, não se menciona as complexas dinâmicas comerciais e diplomáticas entre Brasil e Rússia, que fazem com que o posicionamento brasileiro tenha que ser preciso. Além disso, quando o Brasil vota a favor da primeira resolução da ONU, que busca uma solução pacífica do conflito, as reportagens não destacam essa ação do representante brasileiro na ONU como algo positivo, mas sim criticam uma espécie de contradição ao que teria sido dito previamente pelo Itamaraty. Entretanto, não houve contradição em relação às notas publicadas pelo ministério nem nenhum tipo de comportamento atípico por parte dos diplomatas brasileiros sobre o conflito.

Figura 8: Reportagem JN 02/03/2022: Itamaraty muda de postura e intensifica esforços para ajudar brasileiros retidos na Ucrânia



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Figura 9: Reportagens JN sobre Governo Bolsonaro e a Guerra da Ucrânia



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Outro aspecto que pode ser pontuado é o tom um tanto dramático das reportagens, que acaba contribuindo para uma cobertura política superficial, a qual impede o público de compreender plenamente os problemas reais envolvidos nos acontecimentos. Há uma escolha sobre quais vozes terão destaque e quais serão silenciadas. Essa escolha de fontes que reforçam uma visão de mundo alinhada às preferências da emissora, aliada à exclusão de vozes críticas, resulta em uma percepção limitada da realidade política (Novais, 2023).

Por exemplo, ao abordar debates sobre medidas econômicas futuras e a possível nova ordem geopolítica decorrente dos impactos do conflito, observa-se uma predileção por economistas que sustentam uma abordagem liberal. Essa preferência negligencia outras perspectivas, restringindo assim a compreensão dos telespectadores sobre as múltiplas facetas e alternativas presentes no contexto da guerra.

Algo também presente na cobertura do Jornal Nacional foi o que podemos ousar a chamar de um “tratamento diferenciado” quanto aos infligidos pelo conflito. Diferentemente do que ocorreu com a cobertura de conflitos e crises como as na Síria e no Afeganistão, a

cobertura da invasão russa à Ucrânia teve um toque mais humanizado, os cidadãos ucranianos, por exemplo, puderam falar em algumas entrevistas, ganhando uma voz, que não foi dada pelo telejornal em outros casos. Isso é um tipo de tratamento diferenciado, ou duplo padrão (*double standard*), dado que, parece que algumas vítimas de guerra têm mais importância do que outras. A identificação de um duplo padrão nos meios de comunicação, especialmente no jornalismo e na produção e divulgação de notícias, não é novidade, mas continua sendo algo frequente. De maneira geral, as coberturas jornalísticas da guerra na Ucrânia recorrem à "proximidade cultural", destacando os laços e os pontos de conexão entre a cultura ucraniana, seu povo, a Europa e o Ocidente como um todo (Abdo, 2022).

Por fim, antes de partir para a análise do subcapítulo a seguir sobre a imagem que foi construída do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, vale abrir um espaço para exemplificar como o presidente russo é colocado como o completo oposto. Se Zelensky é o herói desta narrativa, Putin certamente é o vilão.

Neste sentido, vale retomar um pouco do que foi exposto nos primeiros capítulos deste trabalho. As agências de notícias e os jornais estrangeiros ainda têm uma influência importante no material publicado sobre eventos internacionais. Como Sotana (2018) desenvolve, desde o início as agências noticiosas contribuíram no processo de consolidação da presença cultural estadunidense no Brasil. Hoje, isso se dá não somente em termos de influência de perspectivas norte-americanas, mas do "Ocidente" como um todo, sobretudo porque a maioria do material externo utilizado nas coberturas é oriundo de agências de notícias estadunidenses ou europeias.

Logo, o que acaba acontecendo no jornalismo brasileiro, seguindo um movimento mais amplo da imprensa internacional e o viés de agências de notícias ocidentais, é que acaba-se reeditando/adaptando o "discurso da Guerra Fria"⁸. Os russos, centrados na figura de Vladimir Putin, aparecem como os inimigos, os vilões nesta dramatização construída pelo jornalismo brasileiro.

Nas duas reportagens destacadas abaixo, podemos observar como o caráter autoritário de Putin e seu Governo é reforçado, com destaque a protestos, perseguição e censura. Os próprios conteúdos visuais selecionados para as reportagens ajudam a corroborar essa imagem de regime fechado e líder autoritário.

⁸ Dois lados concorrentes em uma disputa de poder e recursos, onde um é o ocidental capitalista liberal democrático e o outro é de regime autoritário, fechado, que ataca.

Figura 10: Reportagem “Repressão a protestos é uma das marcas do governo Vladimir Putin”



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Figura 10: Reportagem “Rússia aprova pena de até 15 anos de prisão para quem chamar ação na Ucrânia de guerra ou invasão”



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Não se trata das reportagens serem verdade ou mentira ou possuírem um viés - ainda que o viés Ocidental esteja claro - mas sim de como esse reforço constante dessa dicotomia da época de Guerra Fria, que coloca o Putin e os russos como os grandes vilões, que tinham tudo premeditado, contribui significativamente para o posicionamento de Zelensky como um verdadeiro ucraniano resiliente e herói para o mundo, como veremos a seguir.

4.2 Construção de Zelensky como herói mundial

A personalização de Zelensky como um "herói mundial" no Jornal Nacional pode ser entendida dentro de um contexto maior de heroificação presente no jornalismo de guerra. A heroificação, no jornalismo, ocorre quando uma figura pública, em geral um líder, é retratada de maneira a destacar suas virtudes e sacrifícios, frequentemente simplificando suas ações em uma narrativa de "bem contra o mal" (Galtung, Ruge, 1999).

Essa prática de personalização e heroificação não é nova no jornalismo, sendo uma técnica frequentemente utilizada em coberturas de líderes em situações de guerra. Historicamente, figuras como Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial ou Nelson Mandela na luta contra o apartheid também foram heroificadas pela mídia, com suas ações apresentadas como fundamentais para a vitória do "bem" (Hallin; Mancini, 2004). Essas narrativas servem para criar símbolos poderosos que transcendem os fatos em si, transformando-os em ícones de resistência.

A cobertura do Jornal Nacional, já neste primeiro mês de invasão, contribuiu para construir essa imagem heróica do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky. Nesse sentido, podemos recuperar um trecho da obra de Marques e Martino (2016):

A prerrogativa de definir os heróis e os vilões do momento, bem como dos procedimentos corretos e incorretos decorre da capacidade que a mídia tem de criar a realidade objetiva na medida em que fornece a um grande quociente de cidadãos o conhecimento dos fatos, pessoas e ações existentes. [...] Apresentados ao público os heróis e os vilões, compete depois à Justiça legitimar ou não essa opinião. Em alguns casos, isso acontece tarde demais. Na interpretação de Phillipe Guillaume (1991, p. 18 *apud* Marques; Martino, 2016) esse tipo de procedimento acaba por diluir as fronteiras entre o que é jornalismo, propaganda ou simples ficção no imaginário do espectador (Marques; Martino, 2016, p. 135-138).

A construção dessa imagem de Zelensky como um herói não é mérito exclusivo do Jornal Nacional, dado que o próprio presidente ucraniano e sua equipe trabalharam em cima de sua imagem, desde a maneira de falar à maneira de se vestir, reforçado pela mídia internacional ocidental, que também contribuiu. Basta lembrarmos que o presidente foi eleito "Pessoa do Ano" pela revista estadunidense *Time*, em dezembro de 2022. Entretanto, vale destacar como foi feita essa apresentação aqui no Brasil.

A construção de Volodymyr Zelensky como uma figura heroica na cobertura do Jornal Nacional vai além de sua identidade como líder ucraniano; ele é retratado também como um símbolo de resistência contra a Rússia, um "inimigo" historicamente associado a regimes autoritários. Zelensky, nesse contexto, é posicionado como um bastião da democracia ocidental, refletindo a polarização característica da retórica da guerra fria, já mencionada

anteriormente.

Na cobertura do JN é notável que o embate pessoal entre os presidentes Putin e Zelensky é constantemente explorado. Nessa dicotomia, o presidente ucraniano é apresentado como o herói atacado em busca de democracia e aliados (ocidentais), enquanto o presidente russo é o vilão autoritário. Esse tipo de apresentação tende a personalizar e simplificar o conflito.

É importante clarificar aqui que não se trata de uma tentativa de dizer quem está certo ou errado nesta guerra, mas sim de um esforço para analisar o comportamento midiático do Jornal Nacional nesta cobertura. Vamos dar alguns passos para trás e entender sobre a ascensão política de Volodymyr Zelensky. O presidente ucraniano entrou pela primeira vez na política em 2019. Ele não era um candidato da parte ocidental da Ucrânia, onde se fala predominantemente ucraniano, nem da parte oriental, onde em maioria se fala russo. Na verdade, ele rejeitava de forma contundente a divisão linguística, histórica e étnica que havia sido fomentada até então pelos políticos ucranianos e incentivada pela Rússia.

Cansados da guerra no leste do país, das relações conflituosas com a Rússia e da corrupção política, além de desiludidos com os resultados das revoluções de 2004 e 2014, e próximos de perder o apoio financeiro do Fundo Monetário Internacional, os ucranianos enxergaram em Zelensky uma luz de esperança. Essa percepção foi amplamente influenciada por sua campanha de proximidade, especialmente realizada por meio das redes sociais (Urban; McLeod, 2022).

A imagem construída do presidente ucraniano também foi influenciada de certa forma por sua carreira artística. Volodymyr Zelensky participou, como ator, da série ficcional "Servo do povo", lançada em 2015. A obra de comédia trata da vida de um professor de história que se torna presidente após a viralização no Youtube de um vídeo revoltoso dele contra a corrupção de seu governo. Esse professor foi interpretado por Zelensky em seu último papel antes de se tornar o presidente na vida real. A série teve três temporadas e a última delas foi lançada dois meses antes de Zelensky tomar posse.

No dia 20 de abril de 2019, Volodymyr Zelensky venceu as eleições com 73,22% dos votos, tornando-se assim, o sexto presidente da Ucrânia. Durante seu mandato, Zelensky e sua equipe enfrentaram diversas acusações de falta de profissionalismo, corrupção e traição ao Estado. A situação se agravou em 5 de outubro de 2021, quando foi revelado que Zelensky havia recebido 40 milhões de dólares de empresas offshore ligadas a Kolomoyskyi⁹, por meio

⁹ "Um dos oligarcas mais poderosos da Ucrânia foi detido no âmbito de uma investigação de fraude, noticiam os meios de comunicação social estatais do país. No sábado, um tribunal de Kiev ordenou que Ihor Kolomoisky, um

de contas no Banco Pryvat. O presidente confirmou essas informações, explicando que utilizou as *offshores* apenas para fins comerciais, não para lavagem de dinheiro (Rudenko, 2022).

O apoio de oligarcas tanto a Zelensky - quanto a Putin, diga se de passagem - é um aspecto crucial para a compreensão da política ucraniana e da ascensão de Zelensky ao poder. É fundamental lembrar que a Ucrânia, desde sua independência em 1991, tem sido fortemente influenciada por poderosos oligarcas que controlam vastos setores da economia e exercem influência significativa na política.

Esse cenário se tornou complicado, pois Zelensky não cumpriu suas promessas de combater a corrupção e foi acusado de práticas ilícitas, além de ter nomeado amigos para cargos no governo. Como resultado, sua popularidade começou a despencar nas pesquisas. Paralelamente, o presidente russo promovia a ideia de que a soberania da Ucrânia era uma invenção histórica, afirmando que os ucranianos eram um povo fabricado pelo conde Pototsky (Urban; McLeod, 2022).

Desde que a invasão russa começou, nos foi apresentado um novo Zelensky. Um presidente diferente, vestido de uniforme verde, roupas simples, rosto cansado, barba por fazer... a imagem de um líder que não esconde suas emoções ao chamar a atenção do mundo para a guerra que aflige seu país. Mesmo diante das tentativas de assassinato que sofreu e das ofertas de ajuda para fugir, este presidente não hesitou em liderar a resistência ucraniana diretamente de Kiev (Rudenko, 2022; Santos; Ferreira, 2022b).

Além disso, Zelensky utiliza habilmente símbolos e narrativas para fortalecer sua imagem de herói nacional, consolidando o apoio internacional à Ucrânia. Ao evocar a memória de líderes poloneses que lutaram contra a Rússia no passado, como Lech Kaczyński (Santos; Ferreira, 2022), Zelensky cria um paralelo com a resistência ucraniana atual, buscando a identificação e o apoio da Polônia e de outras nações que compartilham essa história de luta contra a opressão russa. A narrativa de "David contra Golias" (Sadokha, 2022), que retrata a Ucrânia como um país menor enfrentando um gigante agressivo,

dos principais apoiantes da campanha presidencial de 2019 do Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, fosse detido preventivamente durante 60 dias, enquanto as autoridades investigam as acusações de fraude contra ele, informou o Ukrinform. Os negócios midiáticos e bancários de Kolomoisky tornaram-no um dos homens mais ricos da Ucrânia. No entanto, o Departamento de Estado dos EUA acusou-o anteriormente de utilizar a sua "influência política e poder para benefício pessoal". O Departamento de Estado sancionou Kolomoisky em março de 2021 pelo seu alegado envolvimento em "atos corruptos que minaram o Estado de direito e a confiança do público ucraniano nas instituições democráticas e nos processos públicos do seu governo". (Voitovych; Pennington; Lockwood; Chen, s.p, 2023).

intensifica a percepção de heroísmo, despertando a empatia e a solidariedade global. A apresentação da Ucrânia como um país que luta pela democracia e pela liberdade, valores universais amplamente admirados, eleva Zelensky à posição de defensor da liberdade, reforçando a justificativa para a resistência ucraniana e conquistando a aprovação internacional. A combinação estratégica de símbolos históricos, narrativas de resistência e a defesa de valores universais contribuem para a construção de Zelensky como um herói, personificando a luta da Ucrânia e mobilizando o apoio global à sua causa.

A mídia ocidental como um todo, não apenas o Jornal Nacional, tem feito um esforço a partir de variadas estratégias discursivas, para construir uma narrativa de herói em torno do presidente ucraniano. Ao destacar momentos como o da figura abaixo, onde Zelensky é aplaudido de pé no Parlamento Europeu, ou na reportagem da outra figura, que sublinha sua disposição em negociar diretamente com Vladimir Putin para cessar o conflito, o JN ajuda a moldar a imagem de Zelensky como um líder destemido e proativo, que se sacrifica pelo bem do seu país e busca soluções diplomáticas frente à agressão russa.

Figura 12: Reportagem JN "Presidente da Ucrânia é aplaudido de pé durante discurso no parlamento europeu"



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Figura 13: Reportagem JN "Zelensky diz que a única forma de frear a guerra é ele se encontrar diretamente com Putin"



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Na imagem desta segunda reportagem, Zelensky aparece com trajes informais e expressão determinada, o que reforça a ideia de um líder que se assemelha ao povo e que está envolvido diretamente na luta pela sobrevivência do país. A simplicidade de sua aparência sugere autenticidade e humildade, atributos que muitas vezes são associados a heróis. Esse tipo de representação contribui para que ele seja visto não apenas como presidente, mas como um símbolo de resistência e patriotismo.

Vale notar que a própria escolha das roupas de Zelensky, com tons de camuflagem e estilo militar, contribui significativamente para a construção de sua imagem pública como um líder resiliente e ativo em tempos de guerra. Esse "teatro visual" transmite a ideia de que ele está ao lado de seus soldados, preparado para enfrentar a guerra de maneira prática e pessoal, em contraste com a imagem típica de um chefe de Estado mais distante, vestindo terno e gravata, como Putin se veste, por exemplo. Refletindo sobre isso, podemos lembrar da afirmação de Lobato (2015, p. 389): “Quando conduzido às telas de cinema, às objetivas das câmeras, ao vídeo, à televisão e à tela do computador, o processo de fabricação e leitura de imagens altera nossos modos de percepção de mundo”. É disso que estamos falando, quando pontua-se sobre tal “teatro visual”.

Esse visual informal, que inclui camisetas e casacos em verde oliva, cor comumente associada a militares, comunica que Zelensky se integra ao cenário de conflito e compartilha das dificuldades enfrentadas pelo povo ucraniano. Essa escolha de vestuário, amplamente

exibida pela mídia, como nas reportagens do Jornal Nacional, é uma forma de "teatro" no sentido de que utiliza símbolos visuais poderosos para moldar a percepção pública, criando uma imagem de resistência, coragem e proximidade com os cidadãos.

Além disso, essa estética simplificada reforça a narrativa de que ele está "no front" e, ao mesmo tempo, humaniza sua figura ao distanciá-lo de formalidades. Isso é bem exemplificado no vídeo que Zelensky gravou nas ruas de Kiev, no dia seguinte ao primeiro ataque russo. Vídeo esse que foi veiculado em parte no Jornal Nacional, como evidenciado na figura abaixo.

O Jornal Nacional, ao destacar essas imagens, amplifica essa narrativa e ajuda a consolidar uma percepção de Zelensky como um herói que não se esconde, mas, ao contrário, expõe-se ao risco para proteger sua nação. Esse "teatro" visual é uma ferramenta eficaz para gerar empatia internacional e apoio para a causa ucraniana, contribuindo para seu apelo global.

Figura 14: Reprodução do vídeo de Zelensky no Jornal Nacional



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Essa narrativa de herói é cuidadosamente construída para contrastar Zelensky com Putin, que é frequentemente caracterizado de forma negativa. A ênfase em seu desejo de negociar diretamente com Putin, como uma "única forma" de interromper a guerra, o posiciona como alguém que busca a paz, mas que está disposto a enfrentar o líder russo de frente, caso necessário. Essa construção heroica busca conquistar a simpatia do público ocidental e justificar o apoio internacional à Ucrânia na guerra contra a Rússia.

A narrativa heroica construída em torno de Zelensky, embora eficaz na mobilização de apoio internacional à Ucrânia, merece uma análise crítica que reconheça os vieses e as intenções por trás dessa construção. A simplificação do conflito em uma dicotomia "herói x vilão", com Zelensky representando o líder corajoso que defende a democracia contra o autoritarismo de Putin, obscurece a complexidade da guerra e contribui para a demonização da Rússia. A cobertura jornalística, muitas vezes, endossa essa narrativa maniqueísta. Essa abordagem, embora compreensível em um contexto de guerra, pode levar a uma visão distorcida do conflito, reforçando estereótipos e dificultando a busca por soluções pacíficas.

É fundamental, portanto, buscar uma cobertura jornalística mais complexa e menos maniqueísta, que vá além da narrativa heroica e reconheça a multiplicidade de atores e interesses envolvidos no conflito. A investigação das raízes históricas da guerra, a análise das diferentes perspectivas e narrativas, a inclusão de vozes diversas, incluindo as de civis e vítimas de ambos os lados, e o questionamento crítico das informações e fontes, são elementos essenciais para uma cobertura mais completa e equilibrada. O jornalismo, em tempos de guerra, tem o papel fundamental de informar com responsabilidade, evitando a propagação de desinformação e contribuindo para uma compreensão mais profunda e crítica do conflito.

Esse tipo de narrativa pode ser eficaz na mobilização da opinião pública, mas também carrega o risco de criar uma percepção unilateral da guerra, ignorando as múltiplas dimensões do que está em jogo.

5. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal analisar como o Jornal Nacional construiu sua narrativa sobre o conflito Rússia-Ucrânia no primeiro mês da invasão, a partir de critérios de noticiabilidade, escolhas editoriais e enquadramentos narrativos. A pesquisa confirma como a teoria da agenda setting se manifesta na priorização de certos temas e atores, enquanto o enquadramento ocidentalizado reforça interpretações geopolíticas específicas, muitas vezes alinhadas com discursos hegemônicos globais. Além disso, este estudo também tenta evidenciar como a busca pela neutralidade pode ser comprometida em cenários de conflito, em que os interesses geopolíticos moldam a seleção e a apresentação das informações.

É fundamental reconhecer as limitações inerentes a este estudo, especialmente o recorte temporal de 30 dias, que abrange apenas o período inicial da guerra entre Rússia e Ucrânia. A delimitação temporal, embora necessária para aprofundar a análise da cobertura do Jornal Nacional nesse momento crucial, impossibilita uma avaliação completa da narrativa construída pelo telejornal ao longo de todo o conflito, que já se estende por mais de um ano. A complexidade do tema e a vastidão de informações geradas diariamente também impedem uma análise exaustiva de todos os aspectos da guerra, demandando recortes específicos para aprofundar a investigação.

A relevância desta pesquisa reside no papel crucial que o Jornal Nacional (JN) desempenha na formação da opinião pública brasileira. Sendo o telejornal de maior audiência no país, com mais de 30 milhões de espectadores diariamente, o JN detém a capacidade de influenciar a maneira como os brasileiros compreendem eventos internacionais. Ao selecionar, organizar e contextualizar as notícias, especialmente sobre a Guerra na Ucrânia, o telejornal contribui para moldar a percepção do público sobre o conflito e seus atores. A pesquisa demonstra como a cobertura do JN, com sua ênfase em fontes ocidentais e influência da *agenda setting*, pode ter reforçado visões geopolíticas específicas, impactando a forma como os brasileiros interpretam a guerra.

A forma como o público consome e interpreta essas narrativas também se torna uma variável central, especialmente considerando o papel formador do Jornal Nacional na construção da opinião pública. A análise crítica da cobertura do JN, portanto, torna-se essencial para observar como a narrativa midiática ainda tem certa influência na opinião pública e, consequentemente, no debate sobre o conflito no Brasil.

Como destacado anteriormente, houve uma predominância quantitativa de notícias relacionadas à Guerra na Ucrânia no JN durante o primeiro mês, cobrindo mais de 60% do conteúdo total de notícias. Essa extensa cobertura - influenciada por critérios de

noticiabilidade - juntamente a escolha em reforçar ou só passar superficialmente por certos aspectos relacionados ao conflitos influencia as percepções dos telespectadores.

Por meio das reportagens apresentadas neste trabalho, podemos observar, na cobertura do JN, uma prevalência de uma perspectiva centrada no Ocidente, baseando-se fortemente em informações de fontes americanas e europeias. Ainda que correspondentes/enviados especiais tenham aparecido com reportagens gravadas e entradas ao vivo, a própria abordagem desses jornalistas segue o tom editorial da cobertura do noticiário. Esse viés contribui para uma narrativa simplificada e binária que ecoa a retórica da Guerra Fria, retratando a Rússia e Putin como os agressores e Zelensky como o heroico defensor da democracia ucraniana.

Ao ecoar esse discurso, ocorre também uma personalização do conflito. O foco em líderes individuais, particularmente os retratos contrastantes de Zelensky e Putin, aparece como um elemento-chave da narrativa do JN. Essa personalização, embora potencialmente envolvente para o público, tende a simplificar demais os complexos fatores históricos e geopolíticos em jogo.

A análise da cobertura do Jornal Nacional sobre a Guerra na Ucrânia permite concluir que o telejornal construiu uma narrativa do conflito alinhada à perspectiva ocidental, utilizando majoritariamente fontes ocidentais como base para suas reportagens. A influência da *agenda setting* também se mostrou presente na seleção de temas e no enquadramento das notícias, com destaque para os impactos da guerra na Europa e nos Estados Unidos, o fornecimento de armas à Ucrânia e as sanções impostas à Rússia. A cobertura do JN, nesse sentido, privilegiou o ângulo geopolítico e militar do conflito, dando menos espaço para as perspectivas de países fora do eixo ocidental e para as consequências humanitárias da guerra..

Como estamos tratando de telejornalismo, vale lembrar também que os elementos visuais, como a escolha do traje de Zelensky e a seleção de imagens e vídeos específicos, contribuem para uma narrativa específica. No caso do presidente ucraniano, esses sinais visuais reforçam a narrativa de Zelensky como um homem do povo, liderando corajosamente a resistência de dentro da zona de conflito.

O que esse trabalho tentou demonstrar são os vieses e as tentativas de simplificação do conflito, que muitas vezes desconsideram importantes causas e consequências históricas, geopolíticas, econômicas e sociais, reforçando certos paradigmas.

É muito importante compreender a longa e complexa história entre a Ucrânia e a Rússia antes desse conflito estourar. Essa relação, marcada por períodos de herança compartilhada, assimilação imposta e tensões geopolíticas, é crucial para conceber as causas fundamentais do conflito iniciado em 2022. Analisar a guerra somente pelas lentes do

momento atual, sem reconhecer esse contexto histórico profundamente enraizado, corre o risco de simplificar demais e de não compreender totalmente as motivações e perspectivas dos envolvidos.

Ao identificar tendências narrativas e escolhas editoriais, este trabalho busca contribuir para uma reflexão crítica sobre o jornalismo televisivo e seu papel na construção de uma sociedade mais informada e plural. É imperativo que jornalistas e pesquisadores mantenham um olhar crítico sobre as práticas narrativas da mídia

O futuro da cobertura jornalística de guerras e conflitos internacionais levanta uma série de questionamentos cruciais em uma era marcada pela crescente influência das redes sociais e pela polarização do debate público. Diante da proliferação de informações, muitas vezes não verificadas, provenientes das redes sociais, qual será o papel do jornalista na apuração e verificação de fatos em cenários de guerra? Como garantir a imparcialidade e a precisão da informação em um contexto de intensa polarização ideológica e disseminação de *fake news*? A cobertura jornalística conseguirá ir além da simples reprodução de narrativas pré-estabelecidas e fornecer uma análise crítica e contextualizada dos conflitos, considerando as múltiplas perspectivas e os interesses geopolíticos envolvidos? A crescente dependência de jornalistas por redes sociais como fonte primária de informação, como observado na cobertura da Guerra na Ucrânia, impactará a qualidade e a profundidade da cobertura jornalística? Essas questões exigem uma profunda reflexão sobre o futuro do jornalismo de guerra e seu papel na construção de uma compreensão informada e crítica dos conflitos globais.

A cobertura jornalística de guerras exige uma profunda reflexão sobre as questões éticas que permeiam a profissão como um todo. A necessidade da apuração das informações é crucial, buscando apresentar diferentes perspectivas do conflito e evitando a reprodução de narrativas unilaterais. O jornalista, como agente socialmente responsável, deve ter consciência do impacto de seu trabalho e sua influência nas pautas da opinião pública e evitar a propagação de desinformação, especialmente em um contexto de crescente polarização e disseminação de *fake news*. A verificação rigorosa das fontes, a contextualização histórica do conflito e a busca por diferentes vozes, incluindo as de civis e vítimas da guerra, são imprescindíveis para garantir uma cobertura ética e socialmente responsável. A ética jornalística, em cenários de guerra, exige um compromisso com a verdade e o respeito à dignidade humana, buscando contribuir para uma compreensão informada e crítica dos conflitos e suas consequências.

Diante das limitações previamente apresentadas, este estudo abre caminho para futuras

pesquisas com recortes temporais mais amplos, abrangendo diferentes fases do conflito, e com focos específicos em temas como a influência das redes sociais na cobertura jornalística, a presença de personagens femininas nas reportagens e a análise comparativa com a cobertura de outros conflitos internacionais pela imprensa brasileira.

Embora o recorte temporal de 30 dias seja reconhecido como uma delimitação necessária para explorar com profundidade o início da cobertura do Jornal Nacional sobre a invasão russa à Ucrânia, é essencial refletir sobre outras limitações metodológicas que impactaram este estudo. A análise baseou-se na seleção de edições diárias do telejornal e em categorias previamente definidas, o que pode ter introduzido vieses na categorização das reportagens e na escolha das fontes de análise. Além disso, a dependência de dados de fontes secundárias, como materiais de arquivo e índices de audiência, restringe a capacidade de compreender o impacto real das narrativas na percepção pública. Apesar da combinação de métodos qualitativos e quantitativos, a pesquisa não incluiu a perspectiva dos produtores do Jornal Nacional ou de especialistas externos, o que poderia oferecer *insights* mais abrangentes sobre as decisões editoriais e os enquadramentos utilizados. Assim, reconhecer essas limitações reforça a necessidade de abordagens complementares e multifacetadas em estudos futuros sobre o tema.

A fim de seguir pesquisando o tema deste trabalho e atualizar com as novas informações e desdobramentos do conflito, são sugeridas as seguintes propostas para pesquisas futuras sobre o assunto. É possível realizar uma análise comparativa, explorando como outros meios de comunicação brasileiros cobriram a guerra na Ucrânia. A partir do que foi apresentado neste trabalho e em outros, é possível comparar as abordagens destes outros veículos com a do Jornal Nacional, identificando semelhanças e diferenças nas escolhas narrativas, retórica visual e possíveis preconceitos.

Outra forma de seguir com esta pesquisa é examinar como a cobertura do conflito pelo Jornal Nacional evoluiu ao longo do tempo, além do mês inicial. Nesta possibilidade, poderia ser feita uma análise da intensidade da cobertura, do enquadramento dos principais atores e da narrativa geral, para verificar se permaneceram consistentes ou mudaram em resposta à mudança dos eventos e do sentimento público.

Por fim, seria interessante também investigar como o público brasileiro recebeu e interpretou a cobertura do Jornal Nacional sobre a guerra, fazendo uma análise das respostas do público por meio de pesquisas, entrevistas ou análise de mídia social, para entender como as escolhas narrativas feitas pelo programa influenciaram suas percepções sobre o conflito e seus principais atores.

6. Referências bibliográficas

ABDO, Claudio. Europa, Mídia e a Guerra na Ucrânia: “Nossos Refugiados São Melhores Que Os Outros”. **Extraprensa**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 230 – 248, jan./jun. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/200144/191285>>. Acesso em: 8 dez. 2024.

ADAM, Gabriel Pessin. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14392>>. Acesso em: 11 out. 2024.

AGUIAR, Pedro. Por uma História do Jornalismo Internacional no Brasil. In: **VI Congresso Nacional de História da Mídia: 200 anos de mídia no Brasil, Historiografia e Tendências**, Niterói, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/2908446/Por_uma_Hist%C3%B3ria_do_Jornalismo_Internacional_no_Brasil>. Acesso em: 10 out. 2024.

AMAL, Victor Wolfgang Kegel. A intervenção russa na guerra da Ucrânia (2014): raízes históricas do novo dilema geopolítico europeu. **XXI Simpósio Nacional de História**. 2017. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502670667_ARQUIVO_Artigo.Victor.ANPUH.pdf>. Acesso em: 5 out. 2024.

ANDRIEWSKY, Olga. Towards a Decentred History: The Study of the Holodomor and Ukrainian Historiography. **East/West: Journal of Ukrainian Studies**. Vol. II, N. 1. 2015. Disponível em: <<https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Andriewsky/24>>. Acesso em: 20 set. 2024.

APEXBRASIL. **ApexBrasil divulga Perfil de Comércio e Investimentos Rússia em semana de Cúpula do BRICS**. 21 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://apexbrasil.com.br/br/pt/conteudo/noticias/ApexBrasil-divulga-Perfil-de-Comercio-e-Investimentos-Russia-em-semana-de-Cupula-do-BRICS.html#:~:text=Rela%C3%A7%C3%B5es%20comerciais%20Brasil%20DR%C3%BAssia&text=As%20exporta%C3%A7%C3%B5es%20brasileiras%20para%20a.ao%20valor%20importado%20pela%20R%C3%BAssia>>. Acesso em: 28 out. 2024.

ARAÚJO, Bruno; MARTINS, Anne Soares; CARVALHO, Anny Gabrielly Martins; ÁVILA, Layse Karolline de Oliveira; ARIAS, Victor Amaral. O Brasil que o Jornal Nacional quer: dinâmicas de agendamento do público no quadro “O Brasil Que Eu Quero”. **Impactum-Journals**. Porto, 2020. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/download/2183-6019_10_6/6519>. Acesso em: 1 nov. 2024.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AVIGHI, Carlos Mercos. A globalização e o jornalismo internacional nos periódicos brasileiros. **Caligrama** (São Paulo. Online), [S. l.], v. 3, n. 3, 2007. DOI: 10.11606/issn.1808-0820.cali.2007.65687. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/65687>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BAK, J. S. “The paper cannot live by poems alone”: World War I Trench Journals as (Proto-) Literary Journalism. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I**. 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016b.

BBC News. Conheça a Ucrânia, um país que sobrevive sob a sombra da Rússia. **BBC News**. 07 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60223143>>. Acesso em: 10 out. 2024.

BEAUMONT, P. **A vida secreta da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BECKER, BEATRIZ. **Os 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV**. Tese de doutorado ECO-UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

BONET, Pilar. Em 2014, Ucrânia viveu seu pior ano desde a independência em 1991. **El País**. 01 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/01/internacional/1420136723_852421.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BRASIL, Antonio. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 775-794, set./dez. 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/12901/8606>>. Acesso em: 27 out. 2024.

CAMARGO, Bruna Emy. **Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim**. Universidade de Sorocaba. Pró-Reitoria De Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão E Inovação Programa De Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado Em Comunicação E Cultura. 2021. Disponível em:

<<https://uniso.br/mestrado-doutorado/comunicacao-e-cultura/dissertacoes/2021/bruna-emy-camargo.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2024.

CARDOSO, Pedro. Jornalismo de guerra: a missão. In: **Revista Eletrônica Fórum Media**. Disponível em: <www.ipv.pt/forumedia/4/13.htm> Acesso em: 13 set. 2024.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa**. 2013. 117 f. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2013. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1599/1/Jornalismo%20de%20Guerra-O%20Caso%20da%20Imprensa%20Portuguesa.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

CASTRO, Renata. **Jornalismo Internacional: a mudança da editoria Inter nos últimos 50 anos**. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CODOGNI, Paulina. Three Revolutions: Mobilization and Changes in Contemporary Ukraine. **Theoretical Aspects and Analyses on Religion, Memory, and Identity**. 195-224, Verlagen, Stuttgart, 2019

COSTA, Maria Gabriella Oliveira. **As raízes da guerra: Rússia e Ucrânia**. Observatório da Democracia no Mundo. 9 de março de 2022. Disponível em: <<http://odec.iri.usp.br/analises/as-raizes-da-guerra-russia-e-ucrania%EF%BF%BC/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

CORRÊA, Vítor de Abreu. **Os Diários de Taunay e Euclides da Cunha: Um estudo sobre o início da correspondência de guerra no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília. 2012. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/10354/1/2012_VitorAbreuCorrea.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CORRÊA, Vítor de Abreu; CAVALCANTI-CUNHA, Maria Jandyrá. Atualidade e memória na correspondência de guerra: dicotomia ou complementaridade? **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. Junho de 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2017/resumos/R56-0147-1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2024.

DAMÁZIO, Ana Margarida Filipe. **A importância das redes sociais na cobertura jornalística do primeiro mês da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, em 2022, no Jornal das 8 da TVI**. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Outubro de 2023. Disponível: <<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/16955/1/Dissertação%20de%20Mestrado%20-%20Ana%20Damázio%20Nº13672.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2024.

DIMITROVA, Daniela V.; STRÖMBÄCK, Jesper. Foreign policy and the framing of the 2003 Iraq War in elite Swedish and US newspapers. In: **Media, War & Conflict**. 2008, p. 203-217.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FARIAS, James Magno Araújo. Notas sobre a Guerra da Ucrânia. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais** – FIURJ. Vol. 3, Nº . 2022. Disponível em: <<https://revista.institutouniversitario.com.br/index.php/cjsiurj/article/view/113/97>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

FERREIRA, Adriana. **A Imagem como Arma: O Uso Ideológico das Imagens de Guerra**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG/MG. 2008.

FERNANDES, J. P. T. **A Europa perdida no mundo da geopolítica**. 2021. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2021/02/19/mundo/noticia/europa-perdida-mundo-geopolitica-1951231>>. Acesso em: 23 set. 2024.

FILHO, Paulo Roberto da Silva Gomes. **Para entender a crise na Ucrânia**. Observatório Militar da Praia Vermelha. Escola de Comando e Estado Maior do Exército. 27 de jan. 2022. Disponível em: <<https://ompv.eceme.eb.mil.br/conflitos-belicos-e-terrorismo/crru/428-pe>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação da crise do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa, Portugal: Veja, 1999.

GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GIUDICE, Dante Severo; BARBOSA, André Lucas Palma; NUNES, Jailton. Questões geopolíticas na Ucrânia pré invasão russa. Capítulo 8. In: SILVA, Adilson Tadeu Basquerote; BRANDÃO, Luma Mirely de Souza; MELLO, Roger Goulart (orgs.). **Geografia: Territorialidades, ocupações e transformações do espaço**, Volume 1. Abril de 2023. Disponível em: <<https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/article/view/211>>. Acesso em: 22 set. 2024.

GOMES, Adriane Magalhães de Queiroz Teles. A Guerra da Ucrânia como valor-notícia: uma análise da cobertura do conflito no Jornal Nacional. **Revista Miguel**, nº 8. 2023. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62905/62905.PDF>>. Acesso em: 30 set. 2024.

GONTIJO, Fabiano. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa na/da liminaridade. **Revista antropologia**. v. 63 n. 3. São Paulo, Online. 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ra/a/4LKYYKcFLGjSRFHcJcPdGmwd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2024.

GUEDES, Maria Eduarda de Lourenço. **O Sol Nascente nas Telas do Brasil**: Representações da Cultura Japonesa na cobertura internacional da TV Globo. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Comunicação, Bacharel em Jornalismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2023.

HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. **Comparing Media Systems**: Three Models of Media and Politics. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HJARVARD, Stig. **Midiatização da Cultura e da Sociedade**. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2014

JORNAL NACIONAL. Edição de 24 de fevereiro de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 25 de fevereiro de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 26 de fevereiro de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 27 de fevereiro de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 28 de fevereiro de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 01 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 02 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 03 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 04 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 05 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 06 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 07 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 08 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 09 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 10 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 11 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 12 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 13 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 14 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 15 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 16 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 17 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 18 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 19 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 20 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 21 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 22 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 23 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 24 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 25 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

JORNAL NACIONAL. Edição de 26 de março de 2022. São Paulo: Rede Globo, 2022. Programa televisivo.

KALB, Marvin. **New Cold War.** Washington: Brookings, 2015.

KNIGHTLEY, P. **A primeira vítima:** o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Crimeia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LIEVEN, Anatol. **Ukraine and Russia: A fraternal Rivarly**. Washington: United States Institute for Peace, 1999.

LIPTAK, Kevin. Cerca de 175 mil militares russos estão na fronteira com a Ucrânia, estimam EUA. **CNN**. 05 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/cerca-de-175-mil-militares-russos-estao-na-fronteira-com-a-ucrania-estimam-eua/>>. Acesso em: 22 out. 2024.

LOBATO, José Augusto Mendes. Demarcando fronteiras na tela da TV: as representações de alteridade na cobertura jornalística internacional. **Rumores**, n. 18, vol. 9, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/97210/107032>>. Acesso em: 08 dez. 2024.

LUKACOVIC, M. N. . Peace journalism and radical media ethics. **Conflict & Communication**, vol. 15, n. 2. 2016. Disponível em: <<https://warpreventioninitiative.org/peace-science-digest/peace-journalism-and-media-ethics/>>. Acesso em: 01 nov. 2024

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mídia, ética e esfera pública**. 1a ed. UFMG. 2016. Disponível em: <<https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2023/06/Midia-etica-e-esfera-publica-Selo-PPG-COM-UFMG.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2024.

MARSHALL, Tim. Russia and the Curse of Geography: Want to understand why Putin does what he does? Look at a map. **The Atlantic**. 31 out. 2015. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russia-geography-ukraine-syria/413248/>> Acesso em: 16 dez. 2024.

MATTELART, Armand. **A Globalização da Comunicação**. Tradução Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/36754712/Globaliza%C3%A7%C3%A3o_da_comunica%C3%A7%C3%A3o_mattelart> Acesso em: 16 out. 2024.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a Mídia e a Opinião Pública**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault. **Foreign Affairs**. 18 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault>> Acesso em: 12 out. 2024.

MIELNICZUK, Fabiano. A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 23, p. 4-19, maio 2014. ISSN 2178-8839. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/46849/29136>>. Acesso em: 19 set. 2024.

MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer**, o homem que estava lá. Companhia das Letras, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2005. Texto disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2024.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NETO, Faustino Teatino Cavalcante. Os mortos em fotos: A construção imagética na Guerra da Secessão (1861-1865). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em:

<<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/35788/OS%20MORTOS%20EM%20FOTOS%20-%20ANAIS%20DE%20EVENTO%20CDSA%202011.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 15 set. 2024.

NOVAIS, Atineia. **Confronto Rússia e Ucrânia no Jornal Nacional**: a proeminência do Ocidente em uma cobertura de guerra telejornalística. 2023. 126 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023. Disponível em: <<http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/6437>>. Acesso em: 12 set. 2024.

NUNES, Vinicius. Leia a “carta ao povo russo” escrita por Vladimir Putin. **Poder 360**. 24 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/internacional/leia-a-carta-ao-povo-russo-escrita-por-vladimir-putin/>>. Acesso em: 15 set. 2024.

O Globo. Titanic: Como o naufrágio em 1912 mudou a forma de noticiar tragédias. 21 de junho de 2023. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/06/titanic-como-o-naufragio-em-1912-mudou-a-forma-de-noticiar-tragedias.ghtml>>. Acesso em: 17 out. 2024.

ONUUCH, Olga. **Ukraine 's Euromaidan**: Analysis of a Civil Revolution: Columbia University Press, Nova York, 2015.

PEDRO, João Daniel Lima Galvão. **Perspetivas atuais de guerra Rússia-Ucrânia**: os motivos profundos do conflito. Projeto de Graduação. Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais. Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto, 2023. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/13032>>. Acesso em: 26 out. 2024.

PLEKHANOV, Sergei. **Assisted suicide**: Internal and external causes of the Ukrainian Crisis. Routledge, 1ª edição. 2016.

POMERANZ, Lenina. **A Crise na Ucrânia**. Palestra proferida em 9 de maio p/p no GAIC – Grupo de Análise da Conjuntura Econômica Internacional. 2014. Disponível em:

<https://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2014/junho/14.06.Crise_na_Ucr%C3%A2nia.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

RAMOS, Paulo Roberto B.; LIMA, Diogo Diniz.; NETO, José Mariano Muniz . Breves considerações sobre as causas e consequências da invasão russa na Ucrânia. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais - IURJ**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 106–131, 2022. DOI: 10.47595/cjsiurj.v3i1.112. Disponível em: <https://revista.institutouniversitario.com.br/index.php/cjsiurj/article/view/112>. Acesso em: 17 set. 2024.

RUDENKO, Sergii. **Volodymyr Zelensky**: Biografia. Casa das Letras. Janeiro de 2022.

RÚSSIA, Federação da. **Article by Vladimir Putin** ”On the Historical Unity of Russians and Ukrainians“. 12 de julho de 2021. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>>. cesso em: 13 set. 2024.

SADOKHA, Pavlo. O Dia da Independência da Ucrânia. **Observador**. 23 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://observador.pt/opinio/o-dia-da-independencia-da-ucrania/>>. cesso em: 18 set. 2024.

SANCHES, Mariana. Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia. **BBC News Brasil**. 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60518951>>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS, Ana Lucia Prado Dos. **Imprensa brasileira no ocaso da belle époque**: a Primeira Guerra Mundial sob o olhar dos jornais paraenses. Universidade Fernando Pessoa. Doutorado em Ciência da Informação, Especialidade em Jornalismo e Estudos Mediáticos. Porto, 2016. Disponível em: <<https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/5513>>. Acesso em: 10 out. 2024.

SANTOS, C. D.; FERREIRA, M. L. **Os segredos e as (muitas) estratégias dos discursos de Zelensky**. Observador. Consultado a 10 de setembro de 2022. 2022b. Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/os-segredos-e-as-muitas-estrategias-dos-discursos-de-zelensky/>> Acesso em: 17 out. 2024.

SCHELP, Diogo. Os jornalistas e as guerras. In: **Correspondente de Guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SEGRILLO, Angelo. **Os russos**. 1a ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Rafaela Oliveira. **Análise da anexação da Crimeia pela Rússia (2014) a luz da Teoria dos Jogos**. 2022. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35567>>. Acesso em: 12 out. 2024.

SILVEIRA, M. C. Os múltiplos papéis do jornalismo brasileiro na guerra contra o Paraguai. **Historiæ**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 213–236, 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/4812>. Acesso em: 17 ago. 2024.

SOTANA, Edvaldo Correa. Agências internacionais de notícias, telegramas e política: expedientes e práticas dos jornais brasileiros no alvorecer da Guerra Fria. **Dimensões**, n. 41. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/18313>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos Geopolíticos da Mídia**: Jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Educ, 2005.

SUSSMAN, Gerald; KRADER, Sascha. **Template Revolutions**: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe. Westminster Papers in Communications and Culture, University of Westminster, London, vo.5, n.3, 2008.

TEIXEIRA, Gisela Cardoso. **Jornalismo de guerra**: história, características e a especialização jornalística no Brasil. 2018. p.1-25. Disponível em: <https://www.academia.edu/37938676/Jornalismo_de_Guerra_hist%C3%B3ria_caracter%C3%ADsticas_e_a_especializa%C3%A7%C3%A3o_jornal%C3%ADstica_no_Brasil>. Acesso em: 05 set. 2024.

URBAN, Andrew L.; MCLEOD, Chris. **Zelensky**: O Herói Improvável. Ideias de Ler. 2022.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Além das fronteiras: Uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Junho de 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1606-1.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

VOITOVYCH, Olga; PENNINGTON, Josh; LOCKWOOD, Pauline; CHEN, Heather. Ukrainian oligarch and Zelensky supporter Ihor Kolomoisky arrested in fraud investigation. **CNN**. 3 de setembro de 2023. Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2023/09/03/world/ihor-kolomoisky-ukraine-fraud-investigation-intl-hnk/index.html>>. Acesso em: 01 nov. 2024.

WILSON, Andrew; RONTYANNI, Clelia. Security or Prosperity? Belarussian and Ukrainian Choices. In: LEGVOLD, Robert; WALLANDER, Celeste. **Swords and Sustance**: The Economics of Security in Belarus and Ukraine. Massachusetts: American Academy of Arts and Sciences, 2004.

ZADIRAKA, Alexandr. **Events in December 2004 Orange Revolution in Kiev**. Protestants on Independence Square. Kiev, Ucrânia. Dezembro de 2004. Fotografia. Disponível em: <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/kyiv-ukraine-events-december-2004-orange-543473500?utm_campaign=image&utm_medium=googleimages&utm_source=iptc>.

Acesso em: 13 set. 2024.